

MARCELO PALMÉRIO

**A SEMANA DE SEMINÁRIOS
NA UNIVERSIDADE DE UBERABA**

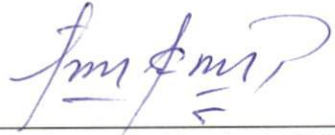
Universidade de Uberaba
Uberaba, MG, 2004

MARCELO PALMÉRIO

**A SEMANA DE SEMINÁRIOS
NA UNIVERSIDADE DE UBERABA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Uberaba, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre. **Orientador:** Prof. Dr. Luis Eduardo Alvarado Prada

Banca Examinadora

Orientador: 
Profº Drº Luis Eduardo Alvarado Prada / UNIUBE

1º Membro: 
Profª Drª Regina Clare Monteiro / IBMR (RJ)

2º Membro: 
Profª Drª Ana Maria Faccioli de Camargo /
UNIUBE

Uberaba (MG), 04 de março de 2004

MARCELO PALMÉRIO

A SEMANA DE SEMINÁRIOS
NA UNIVERSIDADE DE UBERABA

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central da UNIUBE

Palmério, Marcelo

P 183 A semana de seminários na Universidade de Uberaba /
Marcelo Palmério. -- 2004
104 f.

Orientador: Prof. Dr. Luis Eduardo Alvarado Prada
Dissertação (mestrado em Educação) -- Universidade de
Uberaba, Uberaba, MG, 2004

1. Conhecimentos. 2. Universidade de Uberaba –
Seminários. 3. Professores. 4. Alunos. 5. Ensino superior. I.
Titulo.

CDD: 001

*A meu pai,
um educador.*

AGRADECIMENTOS

Ao Luis Eduardo, paciente orientador.

Aos meus professores e colegas — todos — companheiros e agora amigos.

À Marisa e Renata, que, carinhosamente, me conduziram pela mão.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a *Semana de Seminários*, uma experiência instituída e que vem sendo posta em prática desde 1997 na Universidade de Uberaba. Para tanto, temos a questão geradora: A *Semana de Seminários* quebra a rotina das atividades acadêmicas tradicionais da Universidade de Uberaba, buscando mudanças na formação dos alunos, motivando a busca da autonomia na ação de estudar e pesquisar, construindo relações entre os participantes: convidados, professores, alunos, técnico-administrativos e outras instituições? Desta questão, derivam-se: qual concepção de *Semana de Seminários* está sendo construída? Qual é a resposta refletida na frequência, no grau de satisfação, e na participação de todos os envolvidos? Qual a postura dos alunos, professores e funcionários perante esse evento? Como alunos, professores e funcionários reagem aos desafios, ao inusitado, ao diferente e, principalmente, qual o seu grau de comprometimento? O caminho metodológico assumido está baseado em fundamentos, principalmente da pesquisa qualitativa, utilizando, quando necessário, elementos da pesquisa quantitativa. São utilizadas várias técnicas e instrumentos de coleta de dados que permitem a qualificação dos mesmos. A partir dos dados levantados, podemos observar que, para a grande maioria dos docentes, dos alunos e dos funcionários técnico-administrativos e também das outras pessoas convidadas para cada evento, a *Semana de Seminários* traz resultados positivos, na medida em que possibilita intercâmbio de experiências, situa-se como espaço de convivência, de socialização e outras vivências que oportunizam enriquecimento pessoal e profissional. A análise dos dados permite afirmar que a *Semana de Seminários* é uma quebra na rotina acadêmica. Além disso contribui para mudanças na formação dos alunos, motivando a busca da autonomia na ação de estudar e pesquisar, e viabiliza a construção de relações entre os participantes, convidados, professores, alunos, técnico-administrativos e outras Instituições.

Palavras-chave: seminários; quebra de rotina; professores; alunos; semana de seminários.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objeto de estudio la Semana de Seminarios, una experiencia instituida y que viene siendo practicada desde 1997 en la Universidad de Uberaba. La pregunta generadora es: ¿La semana de seminarios rompe la rutina de las actividades académicas tradicionales de la Universidad de Uberaba, buscando mudar la formación de los alumnos, motivando la busca de la autonomía en la acción de estudiar e investigar, construyendo relaciones entre los participantes: convidados, profesores, alumnos, tecnico-administrativos y otras instituciones? De esta pregunta se derivan: ¿Cuál concepción de semana de seminarios esta siendo construida; cuál es la respuesta reflejada en la frecuencia, en el grado de satisfacción, y en la participación de todos los participantes; cuál la actitud de los alumnos, profesores y funcionarios en relación al evento; cómo alumnos, profesores y funcionarios, reaccionan a los desafíos, a lo inusitado, a lo diferente, y, principalmente, cuál el grado de comprometimiento? El camino metodológico asumido tiene como base fundamentos, principalmente de la investigación cualitativa, utilizando, cuando necesario, elementos de la investigación cuantitativa. Son utilizadas varias técnicas e instrumentos de recolección de datos que permiten la cualificación de los mismos. A partir de los datos recogidos, podemos observar que, para la mayoría de los docentes, de los alumnos y de los funcionarios tecnico-administrativos y tambien de las otras personas convidadas para cada evento, la semana de seminarios tiene resultados positivos, en la medida que posibilita intercambio de experiencias, se situa como espacio de convivencia, de socialización y otras vivencias que favorecen el enriquecimiento personal y profesional. El análisis de los datos permite afirmar que la semana de seminarios es una ruptura en la rutina académica. Además de esto, contribuye para mudar la formación de los alumnos, motiva la procura de autonomía en la acción de estudiar e investigar, y posibilita la construcción de relaciones entre los participantes, convidados, profesores, alumnos, tecnico-administrativos y otras instituciones.

Palabras claves: seminarios; rompimiento de rutina; profesores; alumnos; semana de seminarios.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I.....	13
A SEMANA DE SEMINÁRIOS COMO QUEBRA DA ROTINA ACADÊMICA.....	13
<i>Discutindo alguns conceitos.....</i>	<i>14</i>
<i>Um processo em construção.....</i>	<i>18</i>
CAPÍTULO II.....	28
DESVENDANDO DO COTIDIANO DA SEMANA DE SEMINÁRIOS	28
A Semana de Seminários <i>enquanto enriquecimento.....</i>	<i>32</i>
A Semana de Seminários <i>enquanto participação.....</i>	<i>36</i>
A Semana de Seminários <i>enquanto satisfação.....</i>	<i>39</i>
A Semana de Seminários <i>enquanto organização geral.....</i>	<i>41</i>
A visão dos professores, alunos e funcionários <i>quanto à mudança do cotidiano.....</i>	<i>45</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	54
APÊNDICES	58
APÊNDICE A	59
APÊNDICE B.....	61
APÊNDICE C.....	65
APÊNDICE D	68
APÊNDICE E.....	72
APÊNDICE F.....	76
APÊNDICE G	77
APÊNDICE H	78
APÊNDICE I.....	79
APÊNDICE J.....	80
APÊNDICE K	81
APÊNDICE L.....	86

INTRODUÇÃO

A tecnologia das comunicações faz com que as informações se tornem mais acessíveis, o que, paradoxalmente, torna mais complexa a tarefa do educador. Opondo-se à especialização dos saberes — à disciplinarização — os teóricos enfatizam a visão abrangente, múltipla, integrada, como forma de o homem compreender o seu ambiente, as políticas, a ciência e as artes.

O sistema universitário brasileiro tem desenvolvido, no mais das vezes, atividades acadêmicas organizadas em rotinas inflexíveis, em calendários estruturados e rígidos, que reforçam uma concepção de ensino, na qual os professores se preocupam muito mais em transmitir informações do que com a aprendizagem de seus alunos, seus interesses e diferenças individuais e a múltiplas dimensões humanas. Nessa prática, o aluno é visto como um ser passivo, que recebe o que lhe é oferecido em aulas insossas, programadas, apenas de instrução.

Conforme nos assegura Carraher (1991, p. 12-13):

O modelo tradicional da educação trata o conhecimento como um conteúdo, como informações, coisas e fatos a serem transmitidos ao aluno. O aluno, segundo esta visão, vai para a escola para ‘receber’ uma educação [...] Segundo este modelo, o ensino é transmissão de informações. A aprendizagem é a recepção de informações e seu armazenamento na memória [...] Uma outra maneira de conceber essa visão tradicional da educação é como o ‘modelo cafezinho’ de aprendizagem: o conteúdo de um recipiente (café na xícara ou informações) é supostamente ingerido de modo direto pelo aluno. A aquisição é direta e o ‘café’ entra no aluno na mesma forma em que estava antes de ser ingerido. Neste caso, o papel do professor é o de garçom: arruma a mesa, dá o açúcar, isto é, faz a lição interessante, e despeja o café na xícara — apresenta informações contidas nos livros em uma linguagem mais acessível. Do mesmo modo que o café é

passivamente consumido pelo freguês da lanchonete, o conhecimento é ‘consumido’ pelo aluno; isto é, ele recebe o conhecimento já pronto e organizado e seu único trabalho consiste em engolir.

A rotina determinada por essa prática leva alunos, professores e toda a comunidade escolar a se acomodarem num marasmo de cumprimento de exigências legais de dias letivos e de conteúdos programados, que não incitam a criatividade, nem acompanham os avanços exigidos pela sociedade atual. Num currículo “fechado”, no dizer de Arroyo (2000) ou estático, como nos adverte Ribeiro (1978, p. 260), fica impossível atender às mudanças:

Nossas universidades, no curso de sua existência secular, foram instituições enclausuradas que formaram os tipos de especialistas requeridos pela sociedade, conformando-os para o papel de privilegiados e de custódios da ordem social vigente. Neste sentido, sempre atuaram como instituições essencialmente políticas e classistas. Alguns estudantes rebelavam-se contra esta mesquinhez, enquanto não chamados para os desempenhos que a sociedade lhe exigia na vida adulta. Poucos professores mantiveram uma atitude crítica, manifestando descontentamento contra a servidão da universidade ao sistema. A maioria acomodou-se - acomodando-se ainda hoje - a tais contingências. Ou, no máximo, expressam ironicamente seu desgosto com sua universidade, tal qual é, e com a sociedade em que vivia!

Buscando fugir dessa rotina, parte dos professores, pelo menos na Universidade de Uberaba, ao tentar programar atividades mais criativas, nomeavam-nas como atividades extraclasse, acabando por reforçar a concepção fragmentada, assumida por Nérice (1967, p. 67), de que essas atividades:

[...] são as que se realizam em complementação às de classe, visando à melhor formação do estudante, com base em atividades mais espontâneas, a fim de comprometê-lo em tarefas autônomas e desenvolver-lhe o espírito criador e o senso de responsabilidade.

Mesmo vislumbrando-se um avanço metodológico, continua reforçada a fragmentação curricular, priorizando a rigidez do calendário, não se discutindo, ainda, a estrutura (im)posta. Não há mudança na dinâmica das aulas, no interior das salas de aula, e, muito menos, na autonomia dos sujeitos envolvidos.

Estas divergências conceituais e mesmo nossas próprias dúvidas quanto ao acerto de nossas decisões administrativas — que influenciam o desenvolvimento de nossos projetos pedagógicos — levam-nos a ter muito cuidado no acompanhamento e avaliação das mudanças propostas.

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo investigar a experiência de uma prática que vem se desenvolvendo desde 1997, instituída na Universidade de Uberaba — a *Semana de Seminários*. Para tanto, buscamos investigar a seguinte questão:

- a *Semana de Seminários* quebra a rotina das atividades acadêmicas tradicionais da Universidade de Uberaba buscando: mudanças na formação dos alunos, motivando a busca da autonomia na ação de estudar e pesquisar, e construindo relações entre os participantes, convidados, professores, alunos, técnico-administrativos e outras Instituições?

A *Semana de Seminários* constitui, em seus princípios básicos, o espaço oportunizado e propício para criar relações de interação e de diálogo entre sujeitos e o conhecimento, exigindo daqueles que dela participam — principalmente professores e alunos da UNIUBE — uma mudança de atitude perante o processo educativo, perante a forma de conhecer e aprender, substituindo a concepção fragmentária do conhecimento pela unitária do ser humano.

Ao quebrar a rotina acadêmica, adentramos num espaço ilimitado de possibilidades de criação, de coletividade, de flexibilização de idéias, de posturas e de múltiplas relações. O acompanhamento atento, enquanto pesquisa, nos sugere o aprofundamento, entre outras, das seguintes questões: qual a concepção de *Semana de Seminários* está sendo construída? Qual a resposta da frequência, do grau de satisfação, do envolvimento e participação de todos os envolvidos? Qual a postura dos alunos, professores e funcionários perante esse evento? Como alunos, professores e funcionários reagem aos desafios, ao inusitado, ao diferente e, principalmente, qual o seu grau de comprometimento?

Esta pesquisa busca, pois, investigar, a partir dos dados coletados, mediante questionários, entrevistas e depoimentos, como essa proposta, enquanto quebra de rotina acadêmica, pode melhorar o processo educativo dentro da Universidade de Uberaba.

O caminho metodológico assumido está baseado em fundamentos, principalmente da pesquisa qualitativa, utilizando, quando necessário, elementos da pesquisa quantitativa. São utilizadas várias técnicas e instrumentos de coleta de dados que permitem a qualificação dos mesmos. O pesquisador, responsável por este trabalho, participa da geração da proposta e continua orientando seu processo de construção.

Reportemo-nos à Thiollent, (1992, p. 47), quando ele a pesquisa qualitativa como “linha de pesquisa associada a diversas formas de ação coletiva [...] orientada em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação”. Assim, entendemos este procedimento como uma busca da interação entre o pesquisador e os participantes das situações pesquisadas. Em tudo há uma valorização do saber e da experiência das pessoas

envolvidas, bem como das imprecisões, ambigüidades, conflitos e contradições observadas nas situações vividas e investigadas.

A coleta de dados se deu a partir de:

1. levantamento de informações nos documentos arquivados de cada uma das *Semanas de Seminários* (de 1997 a 2001):
 - artigos no Jornal Revelação e outros jornais
 - anais da *Semana de Seminários*
 - cadernos de programações da *Semana de Seminários*;
2. depoimentos de pessoas da Universidade envolvidas na organização do evento;
3. entrevistas com convidados: palestrantes, animadores de oficinas, professores de minicursos, entre outros;
4. questionários diferenciados, anônimos, com questões fechadas e abertas, para 10% dos alunos, professores e funcionários, no ano de 2002. Foram selecionados, aleatoriamente, 775 alunos, 63 professores e 75 funcionários.

O texto da dissertação contém em sua estrutura: o 1º capítulo, no qual está fundamentada a linha teórica norteadora da pesquisa e o processo das *Semanas de Seminários* em construção; o 2º capítulo, no qual os dados são apresentados e analisados em quadros, confrontando-os com conceitos dos vários autores referenciados. A análise é feita a partir dos tópicos: a *Semana de Seminários* como enriquecimento, aperfeiçoamento, participação, organização geral e visão a respeito da proposta como um todo. Nas considerações finais, o olhar atento do pesquisador busca as possibilidades emanadas pela proposta em discussão.

CAPÍTULO I

A Semana de Seminários como quebra da rotina acadêmica

Discutindo alguns conceitos

No momento atual, professores e alunos vivenciam um presente contínuo, no qual constroem relações complexas com o passado e o futuro, não mais restritas ao momento da aula. Assim, entendemos a educação interdependente das relações presentes nas estruturas sociais.

No ensino superior, ainda é muito forte a influência da concepção positivista, que organiza o conhecimento acadêmico de forma linear: do geral para o particular, do teórico para o prático. Nesse modelo a escola assume que, primeiro, o aluno precisa dominar a teoria para depois entender a prática e a realidade, definindo a prática como comprovação da teoria e não como sua fonte desafiadora.

Reforçando tal pensamento, tomamos as idéias de Zabalda (1992, p. 34) para ressaltar o que esse autor denomina de “vícios” que decorrem dessa concepção:

- A supervalorização do que é teórico sobre o que é prático.
A prática é vista como uma aplicação da teoria e não como um cenário gerador de teorias. Os conceitos predominam sobre as experiências.
- A redução do que é científico aos seus formatos mais formalizáveis.
Vale mais fazer citações do que possuir uma bagagem de experiências profissionais.
- A perda das visões globais e integradoras dos campos científicos.
A especialização prematura acaba esmaecendo o fundo disciplinário e interdisciplinário das questões abordadas.

Tais considerações embasam a argumentação de que não é nada fácil nem simples concretizar o discurso da indissociabilidade com a lógica curricular da linearidade. Assim,

percebemos que não é possível mudar a realidade acadêmica, simplesmente retirando, incluindo ou aumentando a carga horária das disciplinas. Estamos entendendo que seriam necessárias mudanças que promovessem a ampliação e o aprofundamento nos campos das ciências, da arte e da técnica, tratando também dos aspectos relacionais entre a teoria e a prática; da introdução de perspectivas interdisciplinares; de promover o pensamento crítico, a criatividade, a capacidade de resolver problemas e de aliar ensino e pesquisa como indicadores da melhoria da qualidade do ensino universitário.

O movimento desafiador e contínuo da criação, da descoberta e da inovação, característico da atualidade, torna o homem um crescente experimentador de novidades, alterando sua convivência, seu interagir, sua relação com o meio físico e social, e, conseqüentemente, com o cotidiano.

Para tanto, cremos ser preciso ousar e buscar novas propostas que permitam a desconstrução da ordem disciplinar, canônica, estática, fragmentada e estandardizada da rotina acadêmica. O currículo escolar tem se apresentado de forma minimizada, fragmentada e hierarquizada, dividido em disciplinas, dificultando, assim, a visão do todo, do conhecimento uno, impedindo a comunicação e o diálogo entre os diversos saberes.

De acordo com Morin (2000a, p. 27):

A organização disciplinar instituiu-se no século XIX, principalmente com a formação das universidades modernas e, depois, se desenvolveu no século XX, com o progresso da pesquisa científica. Isto significa que as disciplinas têm uma história: nascimento, institucionalização, evolução, decadência. Esta história inscreve-se na Universidade que, por sua vez, inscreve-se na história da sociedade. Portanto, o estudo da disciplinaridade, da organização da ciência em disciplinas, é decorrente da sociologia das ciências, da sociologia do conhecimento, de uma reflexão interna em cada disciplina e, também, de um conhecimento externo.

Para desinstalar tal realidade, necessitamos conhecer um pouco mais dessa estrutura disciplinar: seus pressupostos, causas e conseqüências, vantagens e limitações. Nada é fruto do nada. Tudo tem um porquê, uma história. É preciso conhecer para combater, para discutir, para anular. Tomar consciência de si mesmo, para conhecer o outro, para se defender do outro, para se integrar ao outro.

Maldaner (1991, p. 6) lembra que são necessárias rupturas com as práticas do senso comum e com a hegemonia de uma racionalidade técnica ou instrumental desenvolvida sob a base do paradigma da ciência moderna. Afirma, ainda, que:

há a necessidade de novas práticas científicas e novas crenças sobre a produção do conhecimento humanos em situações complexas e que superem a racionalidade em curso - pela qual se aguarda a produção de soluções fora do contexto - para podermos atender às necessidades de

professores e alunos na relação pedagógica em que estão envolvidos. Isso pode ser feito ao serem implementados processos reflexivos sobre os procedimentos, fatos, atitudes e valores que se desenvolvem na aula (e em toda a sua ação).

A educação, enquanto processo de desenvolvimento, possibilita, por um lado, a construção de novos saberes e de um novo contexto cultural para o ser humano que nele está inserido, viabilizando uma relação nova entre o homem e o conhecimento. Por outro lado, propicia às pessoas tornarem-se politicamente ativas desde que atuantes na construção de seu próprio contexto e de contextos universais mais amplos. Possibilita, ainda, a eles, no seu cotidiano, refletir sobre seu fazer, atuar e pensar.

Pessoas não podem ser simplesmente transferidas de uma sala para outra, religadas, reconfiguradas, e sair produzindo como máquinas. Entendemos que elas devam ser preparadas para a mudança. Um processo de mudança pode trazer conflito e resistência, uma vez que se está lidando com estruturas de poder pré-existentes.

Segundo Morgan (1996), mais do que a estrutura de poder pré-existente, o que está em cheque é a cultura anterior da instituição. Afirma o mesmo autor que a cultura é mais do que uma variável externa, pois é o resultado da interação entre as características dos membros da organização.

Nesse sentido, entendemos que a mudança seria o processo de ruptura com o modelo antigo, ocorrendo em razão de alterações ambientais, externas e/ou internas, induzidas por forças econômicas, políticas e globais, demográficas, éticas e sociais.

Acreditamos que as mudanças tendem a exigir das pessoas uma tarefa de reconstrução da identidade social, uma vez que a atuação e a autoridade dos indivíduos podem ser afetadas ao longo desse processo.

Segundo Vasconcelos (1992), não se mudam rapidamente as estruturas internas, que são frutos de ações adaptativas desenvolvidas ao longo do tempo. Para esse autor, a resistência à mudança pode ser diminuída na medida em que se dêem possibilidades de ação ao indivíduo dentro da “nova estrutura”, na qual ele possa utilizar os meios de ação e de cognição desenvolvidos na estrutura anterior, para identificar-se com o novo projeto, adaptando parcialmente suas estratégias às novas perspectivas que lhe são oferecidas. Trata-se, assim, no nosso entender, de efetuar um diagnóstico anterior do sistema social e de prever-se, dentro do processo de mudança, uma estrutura de transição que ofereça aos atores sociais um espaço de reconstrução identitária individual e coletiva.

Segundo Berger e Luckmann (1989), a identidade do indivíduo é formada não só pelos valores internalizados na primeira infância, como nos aponta Parsons (1966), mas

também através de processos de aprendizado e internalização contínua de valores. Na visão de Berger e Luckmann, a identidade e as escolhas das pessoas não ocorrem de forma determinística. Não somos fantoches, porque podemos interromper nossos movimentos a qualquer momento. Temos a capacidade de escolher entre comportamentos, conforme nossos valores primários ou a contingência do momento. Assim, a interação e a negociação aglutinam-se aos valores nas decisões que o indivíduo toma, e ele é flexível para mudar de acordo com a situação que enfrenta.

Acreditamos que a *Semana de Seminários*, ao abrir espaços para reflexões a respeito da prática educativa universitária, possibilita a integração entre vários conteúdos, minimizando a fragmentação dos saberes, incorrendo na possibilidade da quebra da rotina acadêmica que nos vem sendo imposta há muito tempo.

Com base nesse raciocínio, compreendemos a *Semana de Seminários* enquanto campo de criação de mecanismos para discussão e construção de uma nova identidade a partir das experiências pré-existentes e do enfrentamento a múltiplos desafios que exijam novas posturas e reações.

Através da dinâmica da *Semana de Seminários*, podemos incitar a comunidade acadêmica a refletir a respeito das suas possibilidades de superação e a contrastar sua prática com outras que lhe são apresentadas, compondo, assim, a própria identidade.

A *Semana de Seminários* seria, nesse sentido, o espaço propício para criar relações de reciprocidade, de mutualidade e de interação, exigindo, daqueles que dela participam, uma mudança de atitude perante o processo educativo, perante a forma de conhecer e aprender, substituindo a concepção fragmentária do conhecimento pela unitária do ser humano. Ao quebrar a rotina acadêmica, penetramos num espaço ilimitado de possibilidades de criação, de coletividade, de flexibilização de idéias e posturas, de múltiplas relações.

Pretendemos, com essas *Semanas*, oportunizar a construção de sujeito críticos, ativos e criativos dentro e fora da sala de aula, e não apenas sujeitos competentes e especializados em seus temas científicos, em seus conteúdos didáticos e em seus métodos peculiares de trabalho rotineiro, mas, principalmente, capazes de lidar, de maneira criativa, responsável e fecunda, com outras pessoas. Pessoas capazes de estabelecer diálogos com seus pares e outros profissionais, para além da rotina dos “conteúdos” e da lógica das “disciplinas”.

A cada *Semana de Seminários*, o dia-a-dia na Universidade passaria a ser um *locus* de formação das pessoas que transitam por ela, transformando-se num terreno bastante

fértil para o desenvolvimento da capacidade do pensamento reflexivo e da autonomia¹, que não desabrocham espontaneamente, precisam ser cultivados, vivenciados, experienciados e refletidos no cotidiano.

É nessa perspectiva que entendemos que a *Semana de Seminários* pode concretizar um movimento integrador e dinâmico, contribuindo para a ampliação da atuação dos docentes, discentes e funcionários da UNIUBE.

Compreendemos que a *Semana de Seminários* não resolverá os problemas e dificuldades educacionais enfrentados por esta instituição de ensino, mas acreditamos que traz consigo um enorme potencial para múltiplos diálogos e olhares que podem alterar as práticas educativas cotidianas.

Ao pensar na *Semana de Seminários* como espaço para a formação e transformação humana, lembramo-nos de Freire (2000a, p. 54), quando diz que:

não é possível pensar em transformar o mundo sem sonho, sem utopia ou sem projeto [...] os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas, às vezes demoradas.

Um processo em construção

A *Semana de Seminários* surgiu, em princípio, para atender às solicitações da comunidade acadêmica por espaços e eventos científicos diferenciados daqueles vivenciados até então.

Segundo Freire (2000a, p. 52):

Saliente-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, apreendendo temas e tarefas de sua época.

Através de conversas informais com professores, alunos, funcionários, e de discussões com a equipe administrativa da Universidade de Uberaba (UNIUBE), percebíamos uma grande curiosidade profissional e pessoal, traduzida pela busca sobre temas diferentes dos conteúdos tradicionais da grade curricular, pela vontade da discussão de assuntos polêmicos, pela necessidade de maiores espaços para convivência e

¹ Entendemos a autonomia como a capacidade de gerir a própria aprendizagem, traduzida na capacidade de fazer escolhas, organizar e gerir tempos e espaços, avaliar e auto-avaliar-se.

confraternização, pela necessidade de refletir sobre a prática pedagógica e o sistema educacional vigente.

Abreu Júnior (1996, p. 180), ao discutir o papel da educação na atualidade, mediante a necessidade de oportunizar momentos para reflexões e quebra de rotina acadêmica, também nos afirma que:

Se a educação continuar a ser entendida como uma instância transmissora de conteúdos, a educação permanece fiel à função de separar o mundo dos sujeitos que o constroem. Nesse caso, repetindo verdades já prontas, a educação confirma que o conhecimento está numa outra parte que não nos sujeitos ou entre os sujeitos. A educação, assim entendida, passa a idéia de que, no mundo social, cada instância cumpre um só e pré - determinado papel. O papel da educação não é ser a metanarrativa dos processos sociais que precisam ser transmitidos para as gerações seguintes. Como transmissão do conhecimento, a educação é mero depósito da produção de outras instâncias sociais. A educação faz muito mais que isso: articula o conhecimento, promove encontros entre as pessoas, nos faz refletir e participar de um mundo em que a separação homem - sociedade - natureza perde o sentido.

A rotina escolar, calcada na racionalidade técnica², traduzida nos princípios positivistas, merece ser motivo de nossa reflexão e análise. Se por um lado tal rotina inibe ou dificulta iniciativas criativas, por outro, permite o cumprimento das regras e dispositivos da legislação educacional vigente³.

Pensando nisso, pretendeu-se, com a *Semana Seminários*, gerar espaços, no calendário acadêmico, para a vivência de atividades diferenciadas daquelas normalmente vividas no cotidiano escolar. Na carta de apresentação do Caderno de Programação da *IX Semana de Seminários*, a vice-reitora da UNIUBE, professora Elsie Barbosa, apresentou uma oportuna definição da Semana de Seminários:

A Semana de Seminários, na Universidade de Uberaba, encerra uma oportunidade ímpar, guarda um ritmo de predição, desdobra uma perspectiva de realidades promissoras. Nela, a rotina cede lugar para o novo, a fragmentação é superada na composição de encontros culturais e científicos, palestras, minicursos, trazendo

² Segundo Pérez Gómez (1992), a partir da definição dos conceitos de escola, currículo e ensino presente em cada momento histórico, desenvolvem-se metáforas definidoras da função docente, tais como: professor como modelo de comportamento; professor como transmissor de conhecimento; professor como técnico; professor como executor de rotinas; professor como planejador; professor como sujeito de decisões. A cada metáfora subjaz uma concepção de escola, de ensino, uma teoria do conhecimento, uma teoria de ensino e da aprendizagem, uma concepção referente a relações entre teoria e prática. Destas imagens, o autor destaca duas concepções: o professor como técnico especialista e o professor como prático autônomo. A imagem do professor como técnico tem suas raízes no modelo de racionalidade técnica. É uma concepção epistemológica da prática, herdeira do positivismo, prevalecente por todo século XX. Para esse modelo a atividade profissional é sobremaneira instrumental. “Eficazes” são os profissionais que enfrentam os problemas concretos postos pela prática aplicando rigorosamente teorias e técnicas científicas. Nesse modelo ocorre uma divisão do trabalho entre investigação e prática e uma subordinação dos níveis mais aplicados aos níveis mais abstratos da produção do conhecimento.

³ A atual lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96, que se pretendeu avançada, ainda contém assuntos polêmicos, não flexibilizados, tais como o controle de frequência e a duração do período letivo. Assim, mesmo quando se busca a mudança que instiga a criatividade, não se pode deixar de atender os dispositivos legais.

para todos a oportunidade de compartilhar experiências e divulgar saberes. É o encontro das diferenças que, longe de dividir, une e enriquece: professores, alunos, funcionários, especialistas, artistas convidados e comunidade em geral.

A *Semana de Seminários*, ao gerar momentos de interação, participação, enriquecimento e descontração, tornou-se um valioso instrumento de quebra na dinâmica dos convencionais planos de trabalho, sob variadas formas de contato, de diálogo e de busca de conhecimentos, tanto individuais quanto coletivos (intercursos, interséries e outros).

Concordamos com o entendimento de Kramer (1998, p. 22) sobre o conhecimento:

Entendo o conhecimento como constante ruptura, como descontinuidade, sempre provisório, incompleto, inacabado. Concebo as ciências humanas e sociais no seu processo, sempre em vias de se fazerem. Ou, como diz Guimarães Rosa, entendo que “o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

Nesse sentido, estamos compreendendo a *Semana de Seminários* como um campo para a ampliação de práticas educativas, culturais e artísticas. Um espaço para desenvolvimento de professores, alunos e funcionários, de toda a comunidade acadêmica, no intuito de torná-la cada vez mais aberta a mudanças, mais solidária, crítica e democrática.

Conforme Santomé (1998, p. 45):

O mundo atual precisa de pessoas com uma formação cada vez mais polivalente para enfrentar uma sociedade na qual a palavra mudança é um dos vocábulos mais freqüentes e onde o futuro tem um grau de imprevisibilidade como nunca em outra época da história da humanidade.

Retomando a trajetória da *Semana de Seminários*, identificaremos alguns de seus avanços e retrocessos, tentando compreender melhor os impactos por ela causados.

Tomada a decisão de implementá-la, a administração superior da UNIUBE⁴ encarregou-se de propor e definir, política e estrategicamente, as atividades de caráter geral, que atenderiam a comunidade acadêmica com um todo. Na tentativa de integrar todo o público da Universidade, sugeriu-se, em primeira instância, que as atividades fossem programadas em torno de um mesmo tema.

Segundo a vice-reitora, professora Elsie Barbosa, em uma entrevista concedida no dia 8 de novembro de 2001:

A Semana de Seminários já nasceu defendendo a tese de que nós precisaríamos de um tema núcleo, capaz de, em torno dele, [...] os cursos trazerem contribuições de especialistas [...], observando a especificidade de cada curso, mas atendendo essa temática comum. Seria o ponto de convergência do Seminário, para criar uma certa identidade...

⁴ A equipe de reitoria, em 1997, era composta pelo reitor, prof. Marcelo Palmério, pela vice-reitora, prof. Elsie Barbosa e, pelos os pró-reitores de graduação e pós-graduação, prof. Maria Helena Krüger e prof. Henner Alberto Gomide.

A princípio eram oferecidas duas *Semanas de Seminários* a cada semestre (uma por bimestre), incluídas no calendário escolar dos cursos, exigindo-se uma frequência mínima obrigatória aos alunos.

Para a realização da *I e II Semana de Seminários*⁵, ao longo do primeiro semestre de 1997, a Comissão de Planejamento e Desenvolvimento da Universidade de Uberaba⁶ delegou aos diretores de Centros Acadêmicos⁷ e aos seus respectivos professores a definição dos assuntos e a escolha das atividades de caráter específico⁸, bem como a organização⁹ das mesmas.

Apesar do comprometimento das pessoas envolvidas nesse processo, ficou evidente que estas, naquele momento, não estavam preparadas para serem criativas nem para executar tarefas tão adversas à sua formação acadêmica e ao seu cotidiano de trabalho, o que desencadeou dificuldades em administrar imprevistos.

Tal fenômeno é explicado por Queluz (2001, p. 141):

O tempo escolar é geralmente vivido muito mais na sua dimensão tarefaira que criativa. O tempo “tarefeiro” é de natureza eminentemente disciplinar, mesmo quando agrega uma ou mais disciplinas. O tempo é vivido numa perspectiva interdisciplinar quando professores e alunos estão conscientes de que realizam um movimento de aprender que os leva a cruzarem as fronteiras entre as disciplinas, não para criar uma nova, mas para assumir o espaço do “entre”, do vazio existente entre uma disciplina e outra, para nesse espaço construir uma aprendizagem que tem, no diálogo entre as disciplinas, a força de criar um novo saber e um novo fazer antenados à dimensão criativa do tempo vivido.

Todo o movimento em torno dessas primeiras *Semanas* revelou a necessidade, cada vez maior, de aprendermos a lidar com mudanças e o inesperado, bem como saber flexibilizar decisões para tomadas rápidas de atitude. Num processo como esse, sabemos de onde partir, mas não sabemos aonde vamos chegar. Na emoção de cada descoberta ou de cada obstáculo surgem novas dúvidas e incertezas. É como uma teia, um complexo entrelaçado de fios e nós. É um caminho a ser construído no caminhar.

⁵ A *I Semana de Seminário* foi realizada de 28 de abril a 3 de maio e a *II Semana de Seminários* foi realizada de 7 a 11 de julho de 1997.

⁶ Comissão composta pela reitoria e pelos diretores de Centros Acadêmicos, que tinha como tarefa discutir e propor as políticas e as ações acadêmicas.

⁷ Em 1997, a estrutura organizacional da Universidade de Uberaba estava assim dividida: Centro de Ciências da Saúde, Centro de Ciências Sociais, Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, Centro de Ciências da Educação. Os centros acadêmicos englobavam os cursos afins à sua área.

⁸ Estamos entendendo por atividades de caráter específico aquelas de interesse das áreas ou cursos, desenvolvidas mediante estratégias formativas, tais como palestras, workshop, oficinas, outras.

⁹ Entendemos por organização geral das atividades o processo que inicia-se na escolha dos temas, dos palestrantes, os contatos, o apoio logístico aos convidados, os cuidados com as salas próprias para cada atividade, as inscrições (que nos primeiros Seminários foram manuais), até a divulgação e publicação da programação para todos os envolvidos.

Segundo Kramer (1998, p. 15), esse é um movimento essencial para a construção de nossa história, de nossa identidade:

É por aí que percorro esse caminho agora. Refazendo-o e portanto desfazendo-o. Uma caminhada que não é só minha, porque jamais educação é feita fora de uma prática social, mesmo que muitos dos que nela se inserem o façam com descaso, individualismo ou falta de ética. Uma prática que sempre pode se tornar coletiva. Essa é a tensão que me move: percorro essas linhas, agora, sabedora de que preciso ser “pedra e mais um pouquinho”. Sou eu que percorro as linhas escritas na direção que minha travessia me leva, e no sentido que agora lhe dou. Sou eu, mas não sozinha, porque o mundo em que vivo é algo que está em mim e fora disso que sou. Sujeito social e portanto coletivo. Na história.

Diferentemente das anteriores, na *III Semana de Seminários*¹⁰ delegou-se aos Centros Acadêmicos e aos cursos a eles vinculados a responsabilidade do planejamento, montagem, registro e divulgação das suas atividades, por meio de um Caderno de Programação. A partir da edição desse Caderno, tornou-se possível visualizar e dimensionar com mais precisão a amplitude dessas *Semanas*. Nesse sentido, estamos de acordo com Morin (2000b), quando afirma que “é preciso recompor o todo para conhecer as partes”.

Numa tentativa de retomada e de avanço no sentido de integrar as atividades da *Semana*, atentando para o cuidado de não se trabalhar o conhecimento de forma fragmentada e isolada de seu contexto, na *IV Semana de Seminários*¹¹ foi solicitada aos responsáveis pela programação, a busca de atividades de caráter interativo, que relacionassem, num contexto mais amplo, a vida, o homem, a terra e o cosmos.

Também concordamos com Petraglia (2001, p. 75) que, ao discutir as idéias de Edgar Morin sobre pensamento complexo, afirma:

Nesse contexto, sempre devem ser refletidas e ampliadas as discussões acerca da importância das relações entre os conteúdos de uma disciplina e outra disciplina; entre as disciplinas e o curso; entre as disciplinas e a vida, e assim sucessivamente, a fim de não se estimular a elaboração de conhecimentos parcelados advindos do pensamento linear, mas promovendo-se a construção de um saber uno, com visão conjunta e de um todo composto por muitos aspectos.

Para disseminar a idéia de integração, foram promovidas palestras¹², que antecederam a *Semana de Seminários*, dirigidas aos professores e diretores da Instituição, com o tema “Transdisciplinaridade”.

¹⁰ A *III Semana* aconteceu de 6 a 11 de outubro de 1997, contando com cento e setenta e quatro (174) atividades.

¹¹ Evento que aconteceu de 08 a 12 de dezembro de 1997.

¹² Essas palestras foram coordenadas pelo Laboratório de Transdisciplinaridade do Instituto de Humanidades, da Universidade de Uberaba.

Entendemos que essa temática seja um assunto bastante polêmico e complexo para ser bem compreendido apenas com algumas palestras. Se a Interdisciplinaridade¹³ ainda não alcançou plenamente os bancos acadêmicos, muito menos a Transdisciplinaridade. Compreendemos que a *Semana de Seminários*, ao quebrar a rigidez de horários e de conteúdos programáticos, procurou abrir espaços para a discussão e para a reflexão acerca de experiências diferenciadas das rotineiramente vividas no interior da escola.

Concordamos com o ponto de vista de Fazenda (2001, p.23):

Um olhar interdisciplinar atento recupera a magia das práticas, a essência de seus movimentos, mas, sobretudo, nos induz a outras superações, ou mesmo reformulações. Exercitar uma forma interdisciplinar de teorizar e praticar educação demanda, antes de mais nada, o exercício de uma atitude ambígua. Estamos tão habituados à ordem formal, convencionalmente estabelecida, que nos incomodamos quando somos desafiados a pensar a partir da desordem ou de novas ordens que direcionam provisórias e novas ordenações.

Foi, também, a partir dessa *IV Semana de Seminários*, que a UNIUBE abriu o evento à comunidade externa, entendendo que, além de fazer cumprir o seu real papel de Universidade, tal procedimento traria benefício para ambos os setores.

Ao se chegar à *V Semana de Seminários*, ainda foram detectadas muitas lacunas e aspectos que necessitavam de maior revisão, tais como a do sistema de controle de frequência¹⁴ de alunos e professores ao longo da Semana, bem como a relação entre oferta e demanda e a distribuição equilibrada das atividades pelos três períodos do dia.

Apesar da intenção inicial de deixar livre a participação e a frequência, percebeu-se não ter sido esta a melhor estratégia, pois, segundo observações feitas na época, houve um crescente esvaziamento do *campus* universitário ao longo da semana.

Acreditamos que tal processo exige, por parte de comunidade acadêmica, uma consciência autônoma e, conseqüentemente, uma atitude diferenciada em relação ao tempo escolar vivido até então.

A respeito da construção da autonomia do sujeito, concordamos com Petraglia (2001, p. 60), quando diz:

O ser humano vive a construção de sua própria identidade, que pressupõe a liberdade e a autonomia para tornar-se sujeito, a partir das dependências que alimenta, necessita ou tolera, como por exemplo, da família, da escola, da linguagem, da cultura, da sociedade, etc. Não obstante isso, o humano é um ser livre. A liberdade não é tão-somente uma qualidade, mas é uma emergência da pessoa. Supõe a identificação da necessidade do desejo, a capacidade de elaborar

¹³ Entendemos, aqui, como interdisciplinaridade, a relação estabelecida entre as disciplinas, guardada as particularidades e especificidades de cada uma.

¹⁴ Até a *V Semana de Seminários* (de 27 a 30 de abril de 1998, com cento e quarenta (140) atividades) a participação e a frequência nas atividades eram facultadas aos docentes e discentes livremente.

hipóteses, estratégias e metodologias para a sua realização, como também supõe possibilidades de escolha e poder de decisão. Dito de outra forma, o ser humano sabe o que quer, porque escolhe e decide a sua experiência, diante das possibilidades que se lhe apresentam. Parte da criação de sua própria história, que o criou e reflete sobre as estratégias e as formas de conseguir o que deseja. Entretanto, o ser humano, que é complexo, pode viver o paradoxo de ser o indivíduo mais autônomo e o mais subjugado. Concentra em si um misto de autonomia, liberdade e heteronomia.

Estamos entendendo que a autonomia deveria ser, antes de tudo, construída, e que apenas gerar espaços para que ela aconteça não é o bastante.

Como bem diz Freire (1999, p. 104-105):

O educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. Decidir é romper e, para isso, preciso correr o risco [...] Um esforço sempre presente à prática da autoridade coerentemente democrática é o que a torna quase escrava de um sonho fundamental: o de persuadir ou convencer a liberdade que vá construindo consigo mesma, em si mesma, com materiais que, embora vindo de fora de si, sejam reelaborados por ela, a sua autonomia. É com ela, a autonomia, pensamente construindo-se, que a liberdade vai preenchendo o “espaço” antes “habitado” por sua “dependência”. Sua autonomia que se funda na responsabilidade que vai sendo assumida [...] Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões que vão sendo tomadas [...]

Tal conceito, no nosso entender, também cabe ao educador, pois a construção da autonomia é um processo educativo que demanda tempo e reflexão por parte de todos que dele participam. Afinal, como bem diz Morin (2001), não se trata de promover “cabeças bem cheias”, mas “cabeças bem feitas”.

Essa idéia é ampliada ainda por Freire (1999, p. 120), quando nos apresenta:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente aos vinte e cinco anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.

A partir da *VI Semana de Seminários*¹⁵ criou-se uma Comissão Central Executiva¹⁶ no intuito de compatibilizar a programação das atividades com caráter multidisciplinar,

¹⁵ A *VI Semana de Seminários* aconteceu de 28/09 a 01/10/98, com duzentos e sessenta e quatro (264) atividades específicas das áreas de conhecimento e dezesseis (16) atividades artístico-culturais.

¹⁶ A Comissão Central Executiva foi composta por professores de áreas e setores diferenciados e tinha como função: compatibilizar a programação das atividades diferenciadas, com caráter multidisciplinar, principalmente, com o objetivo de integrar programas intercursos, no cotidiano escolar, que pretendia: (1) abarcar discentes, docentes, egressos e membros da comunidade externa; (2) compartilhar informações por meio de audiência a expoentes do assunto; (3) oferecer, em atividades diferenciadas, uma programação científica e cultural; (4) complementar a formação profissional dos alunos e dos professores; (5) propiciar a análise crítica da realidade; (6) discutir a aplicação do conhecimento; (7) agendar temas para o momento e o contexto; (8) trabalhar questões emergentes; (9) oferecer opções acadêmicas, culturais e artísticas; (10) atualizar conhecimentos científicos e técnicos; (11) divulgar os cursos e as propostas da Universidade de Uberaba; (12) ser fórum de discussão a respeito dos problemas locais e regionais; (13) apresentar e analisar propostas de criação ou consolidação de linhas de pesquisa, através de projetos integrados; (14) e oportunizar a participação da comunidade interna e externa, em eventos artístico-culturais.

principalmente, com o objetivo de integrar programas intercursos. Por decisão dessa Comissão, ficou estabelecido para o aluno o cumprimento de, no mínimo, 12 horas/atividades, no decorrer da semana, na tentativa de minimizar a evasão nos últimos dias.

A intenção de buscar um tema nucleador permaneceu presente no planejamento dessa *VI Semana*, criando-se um tema que refletia o espírito vigente na época: *Desafios para 2020*.

Em 1999, a *VII Semana de Seminários*¹⁷ trouxe, como inovação, a constituição de uma Comissão Científica¹⁸, em substituição à Comissão Central Executiva. Essa nova organização gestora trouxe resultados positivos tanto para a estrutura organizacional quanto para a educativa do evento.

Assim, concordamos com Freire (2000b, p. 54), quando, ao tratar sobre “mudança”, diz:

Nutrindo-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança. Ele implica realmente nesta marcha acelerada que faz a sociedade à procura de novos temas e de novas tarefas. E se todo trânsito é mudança, nem toda mudança é trânsito. As mudanças se processam numa mesma unidade de tempo histórico qualitativamente invariável, sem afetá-la profundamente. É que elas se verificam pelo jogo normal de alterações sociais resultantes da própria busca de plenitude que o homem tende a dar aos temas. Quando, porém, estes temas iniciam o seu esvaziamento e começam a perder a significação e novos temas emergem, é sinal de que a sociedade começa a passagem para outra época. Nestas fases, repita-se, mais do que nunca, se faz indispensável a integração do homem. Sua capacidade de apreender o mistério das mudanças, sem o que será delas um simples juguete.

A partir da *VIII Semana de Seminários*, realizada de 27 de setembro a 1º de outubro de 1999, a fim de evitar o acúmulo de inscrições nos três primeiros dias e, conseqüentemente, o esvaziamento dos últimos, definiu-se pela obrigatoriedade do cumprimento das horas curriculares, para os alunos, em três dias alternados (2ª, 4ª e 6ª feira). Na 3ª e 5ª feira, foram oferecidos os eventos artístico-culturais. Dentre eles destacou-se o Festival do Minuto, que é um festival de vídeos produzidos pela comunidade acadêmica desta Universidade, com grande aceitação, que prevalece, até então, como um dos eventos da *Semana de Seminários*.

¹⁷ Realizada de 12 a 16 de abril de 1999, contou com trezentos e noventa e sete (397) atividades específicas e dezessete (17) atividades artístico-culturais.

¹⁸ Com o objetivo de coordenar os trabalhos da Semana de Seminários e de distribuí-los em comissões, neste ano, foi criada uma Comissão Científica, que organizou as Comissões Executivas. A Comissão Científica foi constituída pela vice-reitora, que é coordenadora; por um membro do setor administrativo-financeiro; um representante docente de cada Instituto e dois representantes das comissões executivas. A Comissão Científica compôs algumas Comissões Executivas, para auxiliar na organização e acompanhamento do evento, tais como a Comissão Executiva de Recepção, a Comissão Executiva de divulgação, a Comissão Executiva de Documentação, a Comissão Executiva Científica, a Comissão Executiva de Apoio Logístico, a Comissão Executiva de Atividades Culturais e Comunitárias e a Comissão Executiva de Controle Acadêmico.

Para a divulgação desta *VIII Semana*, não foi possível a publicação do Caderno de Programação, ficando este trabalho ao encargo do jornal *Revelação*. Ali aconteceram trezentas e sessenta (360) atividades específicas e quatro (4) atividades artístico-culturais.

Na *IX Semana de Seminários*¹⁹, numa variação da eleição de um tema geral, sugeriu-se, aos diretores de cursos, que elegessem um tema gerador de interesse mais geral de sua área de atuação, que pudesse abranger também outras áreas. O curso de Nutrição, por exemplo, trabalhou com o tema *A Saúde no Brasil no ano 2000*; o curso de Terapia Ocupacional, com o tema *As interfaces da atividade como recurso terapêutico*; o curso de Educação Física, com o tema *O Corpo*; e o Instituto de Formação de Educadores elegeu o tema *Aprendizagens e diversidade humana*.

Na *X Semana de Seminários*²⁰, persistindo a idéia de se trabalhar com um tema integrador de interesse geral, foi feita uma parceria com o Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana²¹ (GEISH), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que trabalhou o tema *Sexualidade, Ética e Educação: um enfoque multidisciplinar*. O trabalho foi desenvolvido por meio de palestras, oficinas e minicursos dirigidos a toda a comunidade acadêmica. Essa atividade destacou-se, dentre outras que aconteceram ao longo da *Semana*, não só pela qualidade do trabalho desenvolvido, mas por colocar em prática o que acreditamos ser o movimento interdisciplinar, superando uma série de barreiras impostas pelas estruturas lineares de cursos, de disciplinas e de conteúdos.

Assim, concordamos com Petraglia (2001), quando diz que na interdisciplinaridade ocorre a superação e o desmoronamento de toda a qualquer fronteira que inibe ou reprime, reduzindo e fragmentando o saber e isolando o conhecimento em territórios delimitados.

Foi nessa *X Semana* que cada Instituto promoveu, pela primeira vez, atividades direcionadas para o corpo docente. Assim, os professores passaram a participar mais concreta e ativamente das atividades dessa *Semana*.

Freire (1999, p.115) comenta:

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto ou aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a

¹⁹ Realizada de 15 a 19 de maio de 2000, com trezentos e doze (312) atividades específicas e seis (6) atividades artístico-culturais.

²⁰ Realizada de 24 a 29 de setembro de 2000, com trezentos e trinta e três (333) atividades específicas e vinte e seis (26) atividades artístico-culturais.

²¹ O Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana (GEISH) está constituído pelos(as) Prof^{as} Ms. Cláudia Maria Ribeiro Andrade, Prof^a Ms. Elisabete Franco Cruz, Prof^a Ms. Nina Rosa do Amaral Borges, Prof^a Ms. Sheyla Pinto da Silva, Prof^a Ms. Érica Renata de Souza, Prof^a Dra. Ana Maria Faccioli de Camargo, Prof^a Dra. Denise Sant'ana, Prof. Dr. Ulisses Araújo e Prof^a Dr^a Valéria Amorin Arantes.

favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa.

No discurso de abertura da *XI Semana de Seminários*²², cujo tema foi *Universalidade - Universidade*, a vice-reitora, professora Elsie Barbosa, afirma:

Nossa Semana de Seminários, já na versão décima primeira, é mais uma busca científica da Universalidade na pluralidade das manifestações. É o mais forte momento de contato com o “ser” da Universidade. A pluralidade de idéias, de visões, não é experienciada como fragilidade, e, sim, como a rica procura da compreensão de sentidos e de construção de diferentes possibilidades de comunicação. Ninguém tem a propriedade exclusiva da verdade, e este seminário está longe de ter essa pretensão.

Como podemos verificar, desde a sua criação, em 1997, a Semana de Seminários passou por inúmeras formatações. Mas, não podemos ignorar o seu crescimento quanto à quantidade e diversidade das atividades propostas. Por exemplo, na *XII Semana de Seminários*, realizada de 24 a 29 de setembro de 2001, a oferta das atividades específicas chegou ao montante de quinhentas e quinze (515), e sete (7) atividades artístico-culturais.

Afinal, como nos diz Gardner (1999, p.19):

Anseio pela criação de seres humanos que entendam o mundo, que se nutram deste entendimento e que queiram - ardentemente, perenemente - alterar o mundo para melhor. Tais indivíduos só podem vir a existir se entenderem o mundo tal como tem sido retratado por aqueles que estudaram com extremo zelo e nele viveram com grande riqueza de idéias a serviço do bem-estar de seus semelhantes; se lograrem familiarizar-se com toda a gama — os cumes, os vales e as cavernas — do que outros seres humanos realizaram; e se estiverem sempre monitorando suas próprias vidas, implícita e explicitamente, em termos de possibilidades humanas, incluindo as que não foram previstas antes. Sem dúvida, existem vários percursos para que tais indivíduos alcancem essa sabedoria.

Entendemos ser importante compreender a evolução da proposta da *Semana de Seminários*, pois esta não se encontra pronta nem acabada.

²² Realizada de 13 a 18 de maio de 2001, com trezentas e quarenta e uma (341) atividades específicas e quinze (15) atividades artístico-culturais.

CAPÍTULO II

Desvendando do cotidiano da Semana de Seminários

Mediante os dados coletados nas entrevistas e depoimentos de profissionais da Instituição e da comunidade científico-acadêmica, dentro e fora da Universidade de Uberaba, e nos questionários respondidos por alunos, professores e funcionários da UNIUBE, foi possível sistematizar e fazer análises acerca da *Semana de Seminários*, instituída na Universidade de Uberaba, desde 1997.

Nosso olhar estará voltado para as premissas básicas que nos possibilitam perceber como a quebra da rotina acadêmica pode vir a melhorar o processo educativo desenvolvido na Instituição.

Estamos entendendo por quebra de rotina acadêmica a possibilidade de ruptura, de transformação e de questionamento do paradigma de como deveria ser o processo de ensino e de aprendizagem. É a busca de olhares diferenciados para que se possa melhor observar e entender os fenômenos que compõem as diversas situações educativas. Ruptura, aqui entendida, enquanto proposta transformadora do processo educativo.

Revisitemos Freire (1977, p. 27-28):

Conhecer, na dimensão humana, [...] não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer — se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. Conhecer é tarefa de

sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando — o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo: aquele que é capaz de aplicar o aprendido - apreendido a situações existenciais concretas.

Os pontos de partida e de chegada da proposta em discussão — a *Semana de Seminários* — encontram-se no movimento permanente e na (re)significação de ações passadas e presentes. Assim, por meio do diálogo e da abertura de múltiplas possibilidades que se estabelecem nos diversos campos de conhecimento, nos espaços ocupados, nos diferentes modos de pensar e ensinar e nos sujeitos envolvidos é que vislumbramos o fortalecimento ou a renovação de posturas e práticas educativas.

Gardner (1999, p. 22) reflete:

[...] eu vejo a educação como um empreendimento muito mais amplo, envolvendo motivação, emoções, práticas e valores sociais e morais. Se essas facetas da pessoa não são incorporadas às práticas cotidianas, a educação é suscetível de ser ineficaz — ou de, o que é pior, produzir indivíduos que ferem as noções de humanidade.

Temos, então, na proposta da *Semana de Seminários*, um campo favorável para que a prática fragmentada em especialidades possa ser confrontada com novas atitudes e sensibilidades, construindo-se, assim, novas práticas pautadas numa visão mais ampliada de mundo.

Como nos leva a refletir Neidson Rodrigues (*apud* RIOS, 2001, p. 17):

Fazer da escola não apenas o lugar da qualificação, do treinamento, mas o lugar da formação. E restaurar em sua ação cotidiana a articulação entre a alegria dionisíaca e a sisudez do espírito apolíneo. Creio que isto significa fazer a escola retornar a seu futuro.

A necessidade de romper com a tendência fragmentada e desarticulada do processo da construção do conhecimento encontra-se justificada no entendimento da importância da interação e da transformação recíprocas das várias áreas do saber. Tal compreensão colabora para a superação da divisão do pensamento e do conhecimento, que vem colocando fundamentalmente o ensino como um simples processo reprodutor de um saber parcelado. Saber esse que, conseqüentemente, reflete-se na atuação dos profissionais, nas relações de trabalho, no fortalecimento de posturas reprodutivistas e na desvinculação do conhecimento com o projeto global de sociedade.

Acreditamos que na troca, num esforço conjunto entre educadores, educandos e outros profissionais, visando um conhecer mais e melhor, é que a *Semana de Seminários*, enquanto estratégia com vistas a melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem,

ocorrerá como um dos meios para se conseguir a formação geral e a formação profissional, para o incentivo à formação de pesquisadores e de pesquisas, para a busca das condições de uma educação permanente, para a superação da dicotomia ensino-pesquisa, para efetivação as várias formas de se compreender e transformar o mundo.

Para tanto, aplicamos questionários, por nós elaborados, em 775 alunos, 63 professores e 75 funcionários da Instituição. Por meio da aplicação desse instrumento, que continha um bloco de questões objetivas e outro de questões descritivas, pretendíamos levantar dados sobre a percepção deles a respeito desse evento.

Também foram realizadas entrevistas com pessoas ligadas diretamente à organização da Semana, bem como com palestrantes, animadores de oficinas e professores convidados a contribuir de muitas formas.

De posse do material fornecido por palestrantes, organizadores, professores, alunos e funcionários (depoimentos, entrevistas e questionários), demos início à fase de organização e análise dos dados.

Os dados advindos das questões objetivas foram tabulados, e aqueles derivados das questões descritivas dos questionários e dos depoimentos e entrevistas tiveram como referência as três fases básicas da análise de conteúdo descrita por Bardin (1979), e sintetizada por Triviños (1987), ou seja, a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial. Partimos de uma leitura geral das respostas aos questionários (pré-análise), com o intuito de verificar quais os diferentes aspectos apontados pelos professores, alunos e funcionários ao responderem o que lhes foi solicitado. Esse momento tinha como objetivo reconhecer e organizar as idéias apresentadas, bem como buscar o estabelecimento da unidade de registro (a partir da qual se analisaria o conteúdo da mensagem). Entre as diferentes possibilidades (uma palavra, uma frase, etc.), optamos por definir, como unidade de registro, o tema, ou seja, diferentes temáticas, dentro das quais os comentários desses sujeitos pudessem ser enquadrados. Tal opção se fez a partir da compreensão de que essa seria a melhor forma de registro, tendo em vista os dados disponíveis e os objetivos da investigação.

Para efeito de análise, portanto, organizamos os seguintes grupos de dados:

- *A Semana de Seminários* enquanto **enriquecimento**.
- *A Semana de Seminários* enquanto **participação**.
- *A Semana de Seminários* enquanto **satisfação**.
- *A Semana de Seminários* enquanto **organização geral**.
- **A visão dos professores, funcionários e alunos quanto à mudança do cotidiano.**

A Semana de Seminários *enquanto enriquecimento*

Quadro 1 – Depoimentos quanto ao enriquecimento proporcionado pela *Semana de Seminários*.

Entrevistados	Depoimentos	Concordam (%)	Concordam em parte (%)	Discordam (%)
Professores	A Semana de Seminários possibilita um intercâmbio de experiências	69.8	27.0	3.2
	Uma possibilidade de enriquecimento pessoal e profissional	65.1	30.1	4.8
	Um espaço de convivência e socialização	52.4	46.0	1.6
	Um espaço de confronto entre concepções	22.2	57.2	20.6
Funcionários	Tenho vontade de participar das atividades da Semana de Seminários	58.7	29.3	12.0
	Somos chamados a colaborar	56.0	26.7	17.3
	Na Semana de Seminários me sinto satisfeito	50.7	34.6	14.7
	A Semana de Seminários me deixa muito tranquilo	16.0	34.7	49.3
	É um aborrecimento	4.0	10.7	85.3
Alunos	Uma possibilidade de conhecer outros profissionais, outras vivências.	75.4	20.1	4.5
	Uma possibilidade de enriquecimento pessoal.	69.1	25.7	5.2
	Uma possibilidade de intercâmbio com outras experiências.	66.6	26.5	6.9
	Uma atividade extracurricular significativa.	62.5	28.8	8.7
	Um espaço de convivência e socialização.	50.5	35.2	14.3
	Uma oportunidade de confronto entre meus conhecimentos e outras abordagens.	48.1	41.0	10.9
	Uma oportunidade para o confronto de concepções.	44.0	43.4	12.6
	Uma mera repetição das aulas.	7.8	35.9	56.3
	Uma interrupção do semestre, prejudicando o seu andamento	7.0	10.6	82.4
Uma perda de tempo.	5.8	13.2	81.0	

Obs.: Os itens marcados em vermelho (ou cor mais clara) referem-se às perguntas formuladas negativamente.

Vejamos o que Fazenda (1999, p. 58) nos apresenta sobre a formação do homem-cidadão consciente de seu papel no mundo:

Tornar o homem mais homem significa em última instância torná-lo sujeito efetivo das transformações do mundo e não apenas um espectador das mudanças do mundo; significa torná-lo consciente de suas possibilidades e limitações. A leitura é a condição de vida do homem, se considerarmos vida no sentido de transcendência ao próprio homem, ou seja, se consideramos vida não só a vida do homem como ser do mundo, e como participante da sociedade dos homens [...] ser a leitura fator de ampliação dessa relação homem–mundo e, conseqüentemente, motor de transformação do próprio mundo.

Dessa forma, entendemos como enriquecimento o desenvolvimento da capacidade do sujeito em construir, no sentido de constantemente poder relacionar o saber que apreende, interessar-se na busca de fontes, apropriar-se do conhecimento, agindo sobre e a partir dele, transformando-o e se transformando. É a formação do sujeito interpretativo, ao invés do sujeito receptivo.

Enriquecer é agregar valores, é acumular bens, sejam estes materiais ou intelectuais. Neste texto de dissertação, estamos entendendo o enriquecimento como a

possibilidade de aquisição de conhecimento, advinda de novas experiências e de novas descobertas. Temos tido confirmações desse nosso pensamento, não só do público interno, mas também dos convidados que entrevistamos. O professor N.S., da USP, palestrante convidado pelo Instituto de Formação de Educadores (IFE), ao ser entrevistado, disse:

Eu penso que uma atividade dessa natureza é muito positiva tanto para o palestrante no sentido de conhecer realidades diversas, do seu campo de origem, da instituição de origem, como também acho muito importante para formação de seu estudante. Especialmente aquele que vai se dedicar as atividades educacionais, a medida que me parece um momento em que o curso pára, que os alunos tem contato com profissionais das mais diferentes áreas, das diferentes instituições, de instituições ligadas a educação, de instituições privadas, de empresas. Acho que é muito importante no sentido de ampliar o horizonte deste estudante, de pensar nas diversas oportunidades de colocação no mercado de trabalho, e também, poder, ainda que de maneira impressionista, perceber as problemáticas de pesquisa, ter contato com bibliografias e com perspectivas reflexivas de natureza diferente daquelas que o curso oferece. Acho que é um momento enriquecedor, perdão, para os alunos, mas também como eu disse para quem vem de fora, de perceber a diversidade, entender que na verdade, sobre essa dominação de Brasil, temos um país multifacetado, com realidades muito distintas, e que é sempre importante para quem pensa que a educação fornece a emancipação, então isso me parece alguma coisa muito positiva.

Um evento dessa natureza, que envolve todos os cursos da Universidade, é a primeira vez que mantenho contato e me parece uma coisa muito importante, eu acho que é uma iniciativa louvável, que eu acho que deve proporcionar uma adrenalina aos alunos e enriquecer muito a experiência da formação desses discentes.

Não são sujeitos calados, mas sim mediados pela relação do diálogo permanente consigo mesmo, com os outros e com as ciências. Nesse sentido, a prática do diálogo torna-se fundamental para o enriquecimento dos envolvidos e, sempre vai exigir das pessoas a participação, a flexibilidade, a tolerância, a curiosidade, o espírito investigativo e a atitude de colocar-se no lugar do outro.

Na opinião da maioria dos alunos que responderam aos questionários, participar da *Semana de Seminários* é uma possibilidade de conhecer outros profissionais e outras vivências, além de ser também uma oportunidade de enriquecimento pessoal e de intercâmbio com outras experiências.

Como bem nos afirma Gardner ((1999, p. 186):

A educação é bem sucedida se fornece aos estudantes uma noção de como o mundo se apresenta a indivíduos que estão munidos com pares de óculos muito diferentes.

Na visão dos alunos, a proposta dessa *Semana* tem se constituído em momentos singulares enquanto espaços reservados, mas plurais em suas amplas perspectivas e

possibilidades. É o olhar que se expande, mais apurado; um olhar sensível à pluralidade das oportunidades que se descortinam.

Eles apontam em suas respostas, com muita relevância, que a *Semana de Seminários* é uma atividade significativa. Um espaço de investigação favorecido por diversos encontros consigo mesmo e com os outros, que, juntos, trocam idéias e experiências de vida. Constitui-se também em espaço de convivência e socialização, além de ser uma oportunidade de confronto de conhecimentos e abordagens, explicitada em atividades assumidas por profissionais que vêm de fora, convidados como palestrantes, coordenadores de minicursos ou em outras participações.

Lembremos Fazenda (2001, p. 164):

A relação entre aluno e conhecimento é ativa, onde o mesmo é co-autor. O conhecimento é obra coletiva construída a partir do momento em que se cria relação com a bagagem sócio-histórico-cultural, inter e intrapessoal. Esta relação é mediada pela diversidade de linguagens do grupo. A história do indivíduo se insere em tantas outras e vice-versa. História de vida e de linguagem, onde o conhecimento é uma obra inacabada.

O ensino, portanto, não deve ser entendido como um movimento de pura transmissão que termina quando o que se transmite é recebido de forma passiva pelo outro, mas como uma instigação, na qual o cultivo da mente se efetiva como resultado do que foi semeado.

A maioria dos alunos entrevistados foi categórica ao afirmar que não considera a *Semana de Seminários* uma repetição das aulas, perda de tempo ou interrupção do semestre, que prejudica o andamento dos outros trabalhos curriculares.

Nas respostas dadas pelos professores, no que diz respeito ao enriquecimento, estes afirmaram ser, a *Semana de Seminários*, uma possibilidade de intercâmbio de experiências, que oportuniza, também, o crescimento pessoal e profissional, além de configurar-se enquanto espaço de socialização e confronto de concepções e pontos de vista.

Nesse sentido, compartilhamos com a afirmação de Rios (2001, p. 27), quando afirma:

O fazer a aula não se restringe à sala de aula, está além de seus limites, no envolvimento de professores e alunos com a aventura do conhecimento, do relacionamento com a realidade. Com efeito, fazer aula [...], é uma experiência que demanda o recurso a múltiplos saberes.

No depoimento de alguns palestrantes entrevistados, em 2001, no decorrer da *XII Semana*, tivemos também algumas opiniões sobre o evento que nos reportam ao sentido por nós aqui analisado.

A professora I.P.C., da UFMG-UNIFESP, convidada para proferir uma palestra para os alunos de Psicologia e Nutrição, disse:

Eu acho super importante qualquer seminário ainda mais que está ocorrendo na Universidade como um todo [...], por que é um momento de reciclagem, de aperfeiçoamento, tanto dos alunos quanto dos profissionais [...] E, isso só tende a crescer, eu acho inovador, eu conheço a UFMG que tem feito a mesma coisa. Uma semana de estudos, Semana Científica que eles chamam lá. Trabalhos ótimos e acho que vocês devem continuar [...] é aperfeiçoamento, é trazer experiências novas, isso é super engrandecedor, porque, às vezes, muita gente tem que estar procurando outros centros. Então, o que vocês estão fazendo? Trazendo profissionais para que apresentem seus projetos, seus trabalhos dentro da Universidade. Um aperfeiçoamento extra à escola.

Tal depoimento combina com o que nos diz Demo (2002 p. 20), ao nos apresentar seu conceito de pesquisa:

O pesquisador não somente é quem sabe acumular dados mensurados, mas, sobretudo, quem nunca desiste de questionar a realidade, sabendo que qualquer conhecimento é apenas recorte.

Dessa forma, a *Semana de Seminários*, tanto para professores quanto para alunos e demais participantes, pode e deve configurar-se como de fato tem se configurado como oportunidade de enriquecimento, de crescimento pessoal e profissional, na medida em que cria momentos de questionamento da realidade, de conhecimento de outros e de diferentes pontos de vista e, também, de ampliação das fontes de conhecimento.

Para os funcionários da Instituição, que trabalham nos diversos setores que apóiam esse evento, a *Semana de Seminários* provoca, na maioria dos envolvidos, uma vontade de participar das atividades a que eles apenas assistem de longe. Muitos afirmaram que, ao serem chamados a colaborar, sentem-se co-participantes. Não se vendo, nesse sentido, apenas como tarefeiros e cumpridores de ordens, pois estão satisfeitos com o que fazem, mesmo que nessas *Semanas* trabalhem mais do que o previsto em suas cargas-horárias normais. Nesse sentido, os funcionários apontam que não consideram o evento um aborrecimento, refletindo que, mesmo mudando seu cotidiano, gostam e sentem-se compelidos a colaborar e, de alguma forma, usufruir tudo que essa *Semana* oportuniza.

Entendemos por cotidiano o que nos afirma Heller (2000, p. 17):

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual ou físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano - genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário não há nenhum homem, por mais insubstancial que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente.

A Semana de Seminários *enquanto participação*

Quadro 2 – Depoimentos quanto à participação na *Semana de Seminários*.

Entrevistados	Depoimentos	Concordam (%)	Concordam em parte (%)	Discordam (%)
Professores	Professores comprometidos com as atividades	48.0	42.7	9.3
	Professores ativos	36.0	53.0	11.0
	Professores animados	34.7	50.6	14.7
	A participação dos alunos é comprometida com as atividades	32.0	48.0	20.0
	A participação dos alunos é animada	21.3	56.0	22.7
	Professores curiosos	18,7	64,0	17,3
	<i>Na Semana de Seminários a Universidade se esvazia</i>	20,0	45,3	34,7
	<i>A participação dos alunos é indiferente</i>	12,0	46,7	41,3
	<i>Professores indiferentes</i>	9,3	45,3	45,4
	<i>A participação dos alunos é irritada</i>	4,0	42,0	54,0
Alunos	A maioria dos professores motiva os alunos a participarem.	41.7	37.0	21.3
	A maioria dos professores participa ativamente dos seminários	21.7	37.5	40.8
	<i>A maioria dos professores parece ficar indiferente aos eventos</i>	17.5	38.7	43.8
	<i>Uma semana de descanso</i>	17.0	37.0	46.0
	<i>Apenas uma atividade obrigatória</i>	13.6	30.7	55.7

Obs.: Os itens marcados em vermelho (ou cor mais clara) referem-se às perguntas formuladas negativamente.

Analisar a proposta, aqui investigada, no que diz respeito à participação ou participações que ela provoca, significa chegar mais perto das situações vivenciadas, na dinâmica das relações e interações que constituem seu dia-a-dia, apreendendo as forças que impulsionam professores e alunos a participar, entendendo os motivos e/ou as imposições que se revelam a cada um.

O professor N.S., da USP, convidado do Instituto de Formação de Educadores (IFE) para desenvolver um minicurso com alunos dos cursos de Licenciatura, observou:

[...] ontem, tive a felicidade de ter, na audiência, vários professores do curso de História, professores do curso de Letras e alguns professores que também trabalham na área de Turismo e alunos do curso de História. Eu fiquei muito satisfeito com as questões levantadas, depois de apresentar o minicurso, e com as perguntas tanto dos professores quanto dos alunos. Dos professores há uma certa cumplicidade, uma vez que todos nós somos profissionais e fiquei muito satisfeito em ver muitos professores, aqui, que estão fazendo pós-graduação com colegas, especialmente lá da Universidade Federal de Uberlândia ou em Campinas ou na Universidade Estadual Paulista, a UNESP campus de Franca, onde trabalhei e que, portanto, estão se qualificando em centros de excelência e que certamente isso deve se traduzir num certo desempenho de sala de aula. Mas é muito gratificante, sobretudo ouvir os alunos. É um prazer muito grande ter contato com os alunos e as questões que me foram feitas traduzem, me parece, uma dinâmica muito positiva. Perguntas inteligentes, argutas, com uma participação expressiva dos alunos.

Os professores, de forma geral, sentem-se comprometidos com as atividades, situando-se enquanto sujeitos ativos e animados com o evento. Na sua opinião, sentem que apenas parte dos alunos comprometem-se com as atividades desenvolvidas, pois percebem um esvaziamento do *campus* ao longo da semana. Também afirmam que alguns de seus colegas mostram-se indiferentes ao evento, afirmam que muitos outros são curiosos por tudo o que acontece, e que esse evento movimenta grande parte das pessoas de diversos setores da Instituição.

Lembremos Alves (2001, p. 115-116):

A educação é sempre uma “aventura” coletiva de partilha: de afetos e sensibilidades, de conhecimentos e saberes, de experiências e expectativas, de atitudes e valores, de sentidos de vida [...] Pensar a educação numa lógica burocrática e corporativa de mera adição, confrontação ou justaposição de “papéis educacionais” (em cada “parceiro” ou “agente” se manteria acantonado na sua ilha de “autonomia”, só saindo dela em momentos ritualizados para cumprir uma função estatutária ou organizacional) é pensar a educação numa perspectiva profundamente redutora, social e culturalmente perversa. Reforçar os mecanismos de interação solidária e os procedimentos cooperativos (ademais, numa era em que a emulação individualista e o “salve-se-quem-puder” da competição mais desumanizada parecem sinalizar o sentido único do pós-modernismo civilizacional) é, pois, um imperativo de qualquer política educativa que pretenda assumir a educação como uma responsabilidade social.

Na opinião da maioria dos alunos, participar da *Semana de Seminários* tem sido o reflexo do incentivo provocado por seus professores, embora, contraditoriamente, muitos afirmem que alguns deles não participam ativamente.

Isso nos indica que os professores precisam, muito mais do que ser uma ponte entre a informação e o entendimento, tornar-se estimuladores da curiosidade e da pesquisa.

A professora M.C.P.R., da PUC-SP e que também atua na área de publicidade, ao ser entrevistada, explicita sua opinião a respeito da importância da participação das pessoas em eventos como esse:

O Seminário tem uma participação extremamente importante na vida do aluno, porque é um incentivo à pesquisa de qualquer modo: assistindo às aulas, assistindo aos seminários e, pegando um gancho dessa temática e se aprofundando na pesquisa, aliás, isso é fundamental para o desenvolvimento do aluno e desenvolvimento dos cursos que estão envolvidos no Seminário. [...] Eu venho da PUC de São Paulo, da Católica de São Paulo, onde a gente tem seminários. É claro que, até pela nossa estrutura, não tem essa dimensão. São seminários mais focados dentro da escola de Comunicação Social, isolados. Não tem como você reunir tudo isso. Mas a experiência é sempre, absolutamente gratificante, porque estimula o aluno, principalmente o aluno de graduação, a iniciar a sua pesquisa. Então, você traz aos seminários reflexões que dão encaminhamentos para ele seguir, sozinho, pesquisando. [...] Para ele continuar pesquisando, se

desenvolvendo. Descolar um pouco dessa questão de sala de aula, dessa formalidade que tem a sala de aula.

Ao sair do espaço da sala de aula, alunos e professores são desafiados ao diálogo, à participação e ao envolvimento, ampliado, dessa forma, suas próprias possibilidades. Para além da sala de aula, o olhar deve ser atento, curioso e questionador, para que possa avançar a partir das relações imediatas.

Afinal, como nos assegura Demo (2002, p. 09-10):

A formação científica torna-se também formação educativa, quando se funda no esforço sistemático e inventivo de elaboração própria, através da qual se constrói um projeto de emancipação social e se dialoga criticamente com a realidade. Predomina entre nós a atitude do imitador, que copia, reproduz e faz prova. Deveria importar-se a atitude de aprender pela elaboração própria, substituindo a curiosidade de escutar pela de produzir.

Os alunos discordam, em grande parte, da consideração de que essa *Semana* é um período para descanso ou que desagrada, por ser uma atividade obrigatória. Tais afirmações nos reportam a uma leitura mais ampliada das possibilidades que essa proposta evidencia. Conforme o Quadro 2, as respostas confirmam o interesse e o comprometimento, ressaltando a importância do trabalho dos professores na motivação dos alunos.

O professor C.B., profissional da Odontologia da UNICAMP, revelou-nos como sentiu a participação dos alunos e professores nessa *Semana*:

[...] pessoas todas voltadas para o trabalho, observei hoje de manhã na clínica, uma situação de bem estar, quer dizer, as pessoas estavam ali, tanto professores, quanto alunos, quanto pacientes, me parecia que estavam tranquilos na realização do seu trabalho, um lugar que é muito acolhedor, me parece que ali se realiza atendimento em saúde bucal com grande qualidade técnica, uma grande abordagem humana, no sentido da cidadania [...] uma abordagem humana. Então encontrei grande acolhida por parte dos colegas e também na atividade que tive ontem e que vou continuar hoje. A sala estava lotada, houve uma grande participação, e achei extremamente relevante, que não é muito usual que os alunos da Odontologia se interessem por temas que não sejam os temas específicos da profissão.

Assim, como nos assegura Alves (2001, p. 10):

O caminho dissociado das experiências de quem o percorre é apenas uma proposta de trajeto, não um projeto, muito menos o nosso próprio projeto de vida. O caminho está lá, mas verdadeiramente só existe quando o percorremos - e só o percorremos quando o vemos e o percebemos dentro de nós.

Estas observações nos conduzem à reflexão da importância da motivação provocada pela visão mais abrangente, instigadora, que revele o nexo e a conexão dos

assuntos que, nesta fase de formação não devem ser tratados de forma fragmentada, especializada.

Nesse sentido, concordamos com Rubem Alves (2001): “*não basta ver, é preciso enxergar. O trabalho docente na sala de aula é essencial para preparar os alunos a uma melhor compreensão de tudo que lhes é posto à disposição. Desvendar, tirar as vendas, alargar a visão*”.

A Semana de Seminários enquanto satisfação

Quadro 3 – Depoimentos quanto à satisfação na Semana de Seminários.

Entrevistados	Depoimentos	Concordam (%)	Concordam em parte (%)	Discordam (%)
Professores	Professores satisfeitos	30.7	57.3	12.0
	Professores irritados	9.3	32.0	58.7
Alunos	Mesmo com alguns contratempos, vale a pena participar	64.5	29.1	6.4
	Uma possibilidade de escolha de temas do meu interesse	66.2	26.6	7.2
	Um evento com atividades de qualidade	41.9	47.3	10.8
	Os professores demonstram comprometimento com as atividades da Semana	31.1	47.8	21.1
	Ela está sendo conduzida de forma satisfatória	25.0	50.9	24.1

Obs.: O item marcado em vermelho (ou cor mais clara) refere-se à pergunta formulada negativamente.

Entendemos por satisfação a predisposição, voluntária ou provocada, em conhecer e aprovar, por parte dos envolvidos, a proposta em discussão. É o fazer da escola não apenas o lugar privilegiado para a busca da formação, mas o local procurado para a alegria, para a realização e para o encontro esperado. É o viver por inteiro em tudo o que está a sua volta. Prazer e vontade. Procura e determinação.

Revisitemos Rios (2001, p. 57), quando nos alerta:

A didática necessita cada vez mais dialogar com a diversidade dos saberes da docência que estão à sua volta. Ela enfrenta o desafio de buscar alternativas para pensar o ensino - ele também ameaçado de fragmentação - de modo crítico e ampliado. Isso implica uma provocação à revisão de conteúdos, de métodos, de processos avaliativos, de currículo, enfim. Novas propostas, novas organizações curriculares fazem com que sejam retomadas, em um novo nível, antigas questões específicas do campo do ensinar.

Os alunos, em sua maioria, afirmam que, mesmo com alguns contratempos, vale a pena participar da *Semana de Seminários*, pois o evento tem-lhes aberto possibilidade de escolha de temas interessantes.

Nesse sentido, percebemos que a *Semana* pode ser compreendida como um processo de construção da autonomia, no qual tanto professores quanto alunos aprendem, ensinam, transformam e são transformados. Professores e alunos passam por um processo de crescimento, de desenvolvimento pessoal e técnico. E, como ocorre em qualquer instituição social, a escola é responsável pela produção de uma cultura institucional que influencia e provoca a conduta das pessoas, determinando os papéis e as funções de seus integrantes, no alcance de suas escolhas, de seus interesses e de suas necessidades.

Em parte, os alunos concordam ser o evento algo de qualidade, que está sendo conduzido de forma satisfatória, apesar de criticarem alguns professores, que, do seu ponto de vista, apresentam-se pouco comprometidos com as atividades propostas.

Tais colocações nos levam a refletir acerca do processo de organização e gestão desse evento que, como tal, precisa ser constantemente realimentado em suas intenções e proposições. Nesse sentido, faz-se necessário esclarecer que muito do trabalho dos docentes, ao longo dessa *Semana*, fica reservado ao acompanhamento e apoio ao evento. Dessa forma, o aluno não percebe o envolvimento de seus professores, nesta tarefa de bastidores. Estão ainda presos ao comportamento rotineiro da sala de aula, na qual professores e alunos assumem papéis e funções historicamente definidos. Acreditamos que ações provocativas, planejadas para evidenciar a importância de outras estratégias no processo de ensino-aprendizagem, que não apenas os tradicionais e rotineiros encontros nos quais os atores não usem, não mudem o roteiro, contribuem para o despertar do interesse e da curiosidade contrutiva.

Afinal, segundo Rios (2001, p.24), “o mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa de seres humanos. É tarefa, por excelência, de educadores”.

Ao ser indagado sobre a opinião quanto ao evento, o comandante J.J.G., profissional da VARIG, convidado para desenvolver trabalhos com os alunos do curso de Ciências Aeronáuticas, afirmou:

Na busca do envolvimento e do comprometimento, até mesmo os profissionais da comunidade externa, convidados a assumirem uma parte dentro da Semana, se sentiram co-responsáveis, não apenas na efetivação do sucesso da sua atividade planejada como também no olhar atento às condições tanto de participação como de operacionalização do evento, com vistas à proporcionar não só satisfação pessoal como coletiva, mas também de oportunizar as condições para que as pessoas tenham acesso à novos e diferenciados conhecimentos.

Assim, como nos diz o jornalista A.L., que trabalha em São Paulo, na Consultoria Bytes e Types:

Acho que esse evento é muito importante. Primeiro, porque ele é uma chance que a gente tem de estar transferindo para as pessoas que estudam aqui, um série de conhecimentos de tecnologia nova, de novidades na área de produção gráfica. Nessa área que especificamente eu trabalho, de tratamento de imagem digital. São conhecimentos que as pessoas que trabalham com tecnologia de ponta nas cidades maiores, em geral, têm. E, quem está trabalhando no interior, tem mais dificuldade de ter acesso a isso. E um evento como este, permite que a gente vem aqui e passe de uma maneira bastante rápida esse tipo de coisa para as pessoas, é [...] o que é muito mais fácil, que as pessoas fiquem buscando por conta própria [...], num processo meio de auto didata, de tentativa e erro, Às vezes, a pessoa assiste uma palestra de duas horas, ela poupa meses de cabeçadas, que ela poderia estar dando para resolver isso. Então, acho que a idéia de promover este seminário e trazer as pessoas, de convidá-los para tal é sem dúvida nenhuma, uma coisa muito importante do ponto de vista da democratização do conhecimento.

A Semana de Seminários enquanto organização geral

Quadro 4 – Depoimentos referentes à organização geral da Semana de Seminários.

Entrevistados	Depoimentos	Concordam (%)	Concordam em parte (%)	Discordam (%)
Professores	Quanto à organização a Semana de Seminários:			
	• “mesmo com contratempos vale a pena”	76.2	19.0	4.8
	• “está sendo conduzida de forma satisfatória”	52.4	46.0	1.6
	• “traz satisfação aos professores”	33.4	60.3	6.3
	• “divulga insatisfatoriamente as atividades”	15.9	46.0	38.1
	• “apresenta uma estrutura física deficiente”	7.9	38.1	54.0
Funcionários	• “é tumultuada, trazendo contratempos”	1.6	36.5	61.9
	Na Semana de Seminários tenho muito trabalho extra	34.7	36.0	29.3
Funcionários	Recebemos orientações inadequadas sobre a Semana de Seminários	17.3	38.7	44.0
	Alunos	A Semana dispõe de um sistema de controle de frequência eficiente	33.4	32.2
Há uma distribuição adequada entre atividades acadêmicas e culturais		24.8	54.0	21.2
Apresenta uma estrutura física deficiente		18.9	42.4	38.7
É uma Semana tumultuada, trazendo contratempos diversos		12.0	33.8	54.2

Obs.: Os itens marcados em vermelho (ou cor mais clara) referem-se às perguntas formuladas negativamente.

Privilegiar o aspecto organização geral, na leitura das possibilidades da *Semana de Seminários*, como quebra de rotina e fortalecimento do processo educativo, consiste na compreensão das bases que dão suporte a uma movimentação diferenciada de tudo o que, cotidianamente, acontece na Universidade de Uberaba.

Cabe-nos, aqui, pensar acerca do cotidiano vivido. Para tanto, reportamo-nos a Certeau (2000, p. 31), quando este diz que:

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma pressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos ao despertar é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio - caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memória do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres...

Para os professores, a afirmação de que “mesmo com contratempos a *Semana* vale a pena” e que a mesma está sendo “conduzida de forma satisfatória” evidencia, com ênfase, a importância da proposta para eles.

Em parte, consideram que o evento é motivo de satisfação e assumem que as atividades precisam de uma divulgação melhor. É o olhar atento e curioso que define e estabelece o comprometimento, por eles evidenciado, acerca de seu próprio contexto.

Tufano (*in* Fazenda, 2001, p. 41), leva-nos a refletir a respeito da necessidade de se contextualizar o universo por nós analisado, ao afirmar:

Contextualizar é ainda analisar e estudar todas as raízes de uma árvore, que durante muitos anos foram crescendo e desenvolvendo para garantir também o crescimento e desenvolvimento da própria árvore, aquela que é visível aos nossos olhos, mas poderia ser nada se não fossem as raízes que a sustentam e lhe dão firmeza, e apesar de tanta importância, não são visíveis em um primeiro olhar.

Dentro desse mesmo contexto, os professores continuam afirmando que o evento apresenta uma boa estrutura física, na qual acontecem as atividades propostas e que, quanto à organização, não é uma semana tumultuada, embora seja uma semana diferenciada em sua rotina, implicando uma série de atividades e eventos mais complexos.

Para os funcionários da Universidade, as questões alusivas à *Semana* são citadas como de muito trabalho extra, embora com orientações adequadas. É o cotidiano deles fugindo de suas atividades corriqueiras, instigando-os a enxergar, à sua volta, uma dinâmica diferentemente estabelecida.

De acordo com os alunos, fica evidente que a *Semana de Seminários* é um componente reconhecido como parte fundamental e obrigatória em seus currículos. Registram, também, que a *Semana* revela a eles uma distribuição adequada entre atividades acadêmicas e culturais, mas que apresenta uma estrutura física deficiente. É o olhar aberto para a realidade, tomando-a como mestra de suas próprias concepções.

Nesse aspecto temos de lembrar que a magnitude desse evento, em sua totalidade, não é percebida por muitos que dela participam. Como dissemos, anteriormente, ao relatar a trajetória das *Semanas de Seminários*, a oferta de atividades acadêmicas, num só evento,

chegou a superar o montante de quinhentas. Assim, torna-se, realmente, difícil evitar problemas de locação e de distribuição de materiais instrucionais.

Para os entrevistados da comunidade externa, o olhar atento os deixou perceber que a questão da organização tem sido um fator importante na leitura desse evento. Assim como nos afirma a professora L.A., da UFRJ, que veio trabalhar com o curso de Nutrição, ao ser questionada a respeito de sua participação:

Especialmente, isso me chamou muito a atenção porque muitos eventos grandiosos sob o ponto de vista de conteúdo, falham nessa questão de organização [...] e isso é um diferencial, com certeza, eu acredito desde o primeiro contato, na verdade, a gente não precisou, quer dizer, eu vim aqui representando uma entidade que teria oportunidade de estar viabilizando toda essa vinda para cá, mas, isso em nenhum momento foi necessário. Isso porque fomos nós que fomos consultados, quer dizer, houve uma agilidade em relação àquilo que era necessário para que houvesse a realização [...], a questão das passagens, da estada, etc. Especialmente a questão dos horários, quer dizer, tudo acontece na hora, na realidade, o que a gente percebe que nenhum detalhe foi esquecido, tanto de comunicação, não de regras, mas de, onde procurar, para onde se dirigir, isso, com certeza, foi um dos pontos chaves para o sucesso dessa semana.

O professor M.G.N., da UNIFMU-USP, que veio trabalhar com o curso de Educação Física, foi bastante efusivo quando, ao dar sua opinião sobre a organização do evento, sugeriu:

Sobre a organização do evento em si, só tem uma coisa que eu gostaria de ressaltar que eu fiquei muito chateado, que é o desconhecimento que a comunidade acadêmica tem desse evento. É o décimo primeiro que vocês estão organizando, e nós em São Paulo, nunca nem tínhamos ouvido falar, nós não sabíamos que vocês tinham esse evento, nós não sabíamos que vocês tinham um evento desse porte, com essa seriedade, com tantos profissionais, que desse evento sairia uma publicação, que são os anais. Nada disso a gente sabe, então eu deixaria assim uma mensagem de vocês capricharem na divulgação na mídia, na mídia eletrônica, na mídia escrita, nas revistas da área da Educação Física [...] isso seria muito interessante porque aí expandiria o nome da Universidade. Expandiria a preocupação que vocês têm com a formação dos próprios alunos de vocês.

Tais observações nos levam a refletir que a Universidade de Uberaba, como pioneira de uma prática educativa inovadora e ousada, mas ainda restrita aos seus muros acadêmicos, precisa avançar em seus propósitos e ações, no sentido de abrir-se e dividir suas conquistas, alegrias, problemas e possibilidades com outros espaços acadêmicos, enquanto escola que busca evoluir

Acreditamos que estamos apenas começando a desenvolver o hábito de discutir e refletir a respeito de nossa própria trajetória pedagógica, limitados ainda por nossas divisas internas. Estamos em processo permanente de descoberta e aprendizagem junto às pessoas que ensinam, aprendem, pesquisam e trabalham na UNIUBE. É a busca ainda pequena de

um todo mais harmônico, no qual as partes complementam-se e são complementadas. É a Universidade que, buscando manter e aprofundar o compromisso com um ensino de qualidade, procura estender sua atuação em pesquisa e estreitar relações com a comunidade acadêmica científica externa. É a conscientização de que a prática educativa exige envolvimento, responsabilidade e, principalmente, o comprometimento com a educação em seu sentido mais amplo, abrangendo os relacionamentos com a sociedade que a engloba e o momento histórico no qual se vive. Prática pedagógica, aqui entendida, como prática intencional de ensino e de aprendizagem, não restrita apenas às questões didáticas ou ao espaço da sala de aula, mas, essencialmente, àquela prática articulada e interligada com o contexto, com as mudanças e com a produção de conhecimento fora e dentro da Instituição, em toda a sua complexidade.

Reportemo-nos a Gardner (1999, p. 64), para melhor compreendermos essa questão:

Um currículo fundamentado nas verdades tradicionais não deve ter a pretensão de ser definitivo. Pelo contrário, deve procurar obter concepções culturais correntes do verdadeiro, do belo e do bom; e pode certamente incluir uma crítica sobre as afirmações e alegações contrárias, assim como um reconhecimento do *status* contingente de todo o conhecimento.

A vontade política da gestão da UNIUBE é a de flexibilizar, modernizar, tornar conseqüente o seu discurso de mudanças e aprimoramento da prática pedagógica na instituição.

A *Semana de Seminários* é apenas um de seus movimentos neste sentido. Outras alterações organizacionais têm que ser implementadas, mas sempre com a preocupação de harmonia do conjunto. Começar do começo, na busca da abrangência articulada e produtiva.

A visão dos professores, alunos e funcionários quanto à mudança do cotidiano

Quadro 5 – Visões sobre a *Semana de Seminários* quanto à mudança no cotidiano.

Entrevistados	Depoimentos	Concordam (%)	Concordam em parte (%)	Discordam (%)
Professores	Como professor, insiro a Semana de Seminários no meu Plano de Ensino:			
	• “divulgando a pertinência dos temas e atividades”	61.9	25.4	12.7
	• “promovendo discussões posteriores”	47.6	44.5	7.9
	• “oportunizando o aprofundamento dos conteúdos trabalhados em sala de aula”	38.1	60.3	1.6
	• “como atividade de pesquisa discente”	22.3	44.4	33.3
	“oportunidade para os alunos realizarem exercícios previamente propostos”	9.5	42.9	47.6
	“apenas uma atividade obrigatória”	6.3	15.9	77.8
	“interrompe o andamento do semestre”	3.2	9.5	87.3
	“algo dispensável”	3.2	9.5	87.3
	“uma Semana como as outras”	1.6	9.5	88.9
	“uma semana boa para descanso”	1.6	20.6	77.8
	“uma mera repetição das aulas”	1.6	14.3	84.1
Alunos	“um modismo curricular”	1.6	7.9	90.5
	“tenho me preocupado pouco com isso”	1.6	23.8	74.6
	“quase uma perda de tempo”	0.0	6.3	93.7
	Uma ampliação da discussão dos temas tratados na sala de aula	46.0	40.0	14.0
	Os conteúdos de sala de aula ajudam a entender os dos Seminários	45.4	41.9	12.7
	Os conteúdos da sala de aula e os Seminários se complementam	42.5	46.5	11.0
Os seminários são um olhar diferente dos conteúdos de sala de aula	33.4	47.5	19.1	
Os conteúdos da sala de aula e os Seminários têm muito em comum	29.4	53.6	17.0	
Os conteúdos da sala de aula e os Seminários estão sempre divorciados	7.0	36.0	57.0	

Obs.: Os itens marcados em vermelho (ou cor mais clara) referem-se às perguntas formuladas negativamente.

A *Semana de Seminários* também traz em seu bojo a proposição ser um campo de confronto com as práticas fragmentadas, estabelecendo espaços para atividades e habilidades advindas de uma visão mais ampliada do conhecimento, tornando-se uma porta de entrada para múltiplos diálogos, idéias e concepções. Por confronto entendemos a possibilidade da provocação de relacionamentos dinâmicos, cujos sujeitos envolvidos são, como tais, aclamados e instigados ao questionamento permanente de suas formas de pensar e agir no mundo.

Segundo Freire (1986, p. 123):

O diálogo não pode ser considerado uma simples técnica para se obter resultados, nem uma tática que se usa para fazer dos alunos nossos amigos, isso seria transformar o diálogo em um instrumento de manipulação, em vez de iluminação [...] O diálogo é uma espécie de

postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos.

É a *Semana* enquanto espaço de relações, de construção e desconstrução de conceitos, preparando o terreno para que a produção, realizada na prática cotidiana do ato pedagógico, flua da melhor forma possível.

Nesse contexto, faz-se necessário instigar professores e alunos a uma postura crítica. O professor não pode ficar alheio à dimensão e às possibilidades desses momentos nem dessas mudanças institucionais que se constituem, ou deveriam se constituir em uma grande força, que visa à transformação estrutural da própria comunidade acadêmica.

Nesse sentido, é a educação na busca de um processo emancipatório, deixando de ser, meramente, um processo “domesticador”.

Numa visão geral, temos a maioria dos professores que responderam aos questionários afirmando não ser para eles a proposta apenas uma atividade obrigatória, uma semana como as outras, como algo dispensável, uma mera repetição das aulas, um modismo curricular, uma semana boa para descanso, uma perda de tempo. Também afirmaram que a *Semana* não interrompe o andamento do semestre.

Diante de tais colocações, cumpre-nos pensar que ordenar a reflexão educativa é a grande tarefa que os professores podem se atribuir, a partir da sua participação e envolvimento na *Semana de Seminários*. Colocar em prática as determinações resultantes dessa reflexão será, por conseguinte, uma outra fonte da legitimação de que o professor poderá dispor em seu trabalho educativo. Cabe-lhe organizar a vontade coletiva e providenciar para que seus propósitos se efetivem.

Na visão dos funcionários, a *Semana* constitui-se em uma mudança da rotina acadêmica, na qual percebem organização e uma movimentação interessante. Afirmando, também, que não a percebem como uma semana igual às outras.

Acompanhemos o depoimento do professor da UFMG, A.G.A.N., convidado para proferir palestras no curso de Direito, o evento:

É a segunda vez que eu participo desse evento. Aqui estive no ano passado e estou retornando este ano, com muito prazer. Eu fiquei muito impressionado com a unidade do conjunto, que eu só vejo nessa Universidade, que é um processo de integração fundamental de espírito universitário para levar durante uma semana de estudos. Uma discussão geral sobre os problemas que afetam o ensino, a extensão e a própria realidade nacional. Eu não tenho críticas a fazer, pelo contrário, eu só tenho que parabenizar com a Universidade de Uberaba, por essa iniciativa, que é pioneira, eu não conheço, nem na Universidade Federal de Minas Gerais de onde eu sou professor e nem em nenhuma outra Universidade. [...] a reforma de ensino prevê hoje, que além das atividades curriculares, pelo menos 05% do tempo dos alunos sejam gastos em palestras e atividades extracurriculares.

Esse evento cumpre plenamente esta função e de uma forma global, de uma forma interativa, de tal forma que, é a melhor expressão que eu encontro de aproveitamento desse tempo extracurricular.

Nesse sentido, ressaltamos que a Semana de Seminários, por nós compreendida, deve ser parte do processo de ensino e de aprendizagem desenvolvido na Universidade. Nós a entendemos, mais do que apenas um tempo para o desenvolvimento de atividades extracurriculares, mas como um momento de provocação e de fortalecimento de conhecimentos e atitudes de todos que dela participam.

São novos os tempos, como nos afirma Gardner (1999, p. 43):

Olhando em retrospecto através do tempo e com uma perspectiva de 360 graus através dos espaços, é possível discernir importantes elementos que caracterizam a educação em todas as épocas: transmissão de valores, modelagem de papéis, domínio de notações e disciplinas. É importante a identificação desses elementos do todo, é uma tolice desprezá-los quando voltamos os olhos para novos tempos e novos mundos. Entretanto, é igualmente um sintoma de miopia ignorar as muitas e enormes mudanças que já são patentes no mundo e que afetarão indubitavelmente o formato da educação e da escolaridade nos anos vindouros.

Nas respostas dos professores, eles afirmam, em sua grande maioria, que, como docentes, não apenas se preocupam, como inserem a *Semana* nos seus planos de ensino, numa forma de divulgar a pertinência dos temas e atividades, promovendo discussões e aprofundamento dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Em parte, assumem também que fazem da *Semana* uma oportunidade de pesquisa discente.

É a pesquisa viva que, enquanto processo de diálogo com a realidade, aparece em todo e qualquer trajeto e espaço educativo.

Afinal, como nos assegura Demo (2002, p. 17):

O novo mestre não é apenas o magnata da ciência, o gênio incomparável, o metodólogo virtuosos, mas todo cidadão que souber manejar a sua emancipação, para não permanecer na condição de objeto das pressões alheias. Algo cotidiano, pois, como deve ser cotidiana a emancipação, o projeto próprio de ser sujeito na história.

Corroborando as afirmações feitas pelos professores entrevistados, temos os alunos que respondem, em sua grande maioria, que os conteúdos da sala de aula e os temas que são trabalhados na *Semana de Seminário* não se divorciam em quase nada. Eles sempre têm algo em comum, complementam-se. Um tem ajudado a entender o sentido do outro.

Para eles, essa *Semana* tem sido um espaço de ampliação da discussão dos temas tratados e que, por isso, constituem um olhar diferente frente a esses conteúdos.

A professora M.C.W., representante da OAB-SP, que veio proferir palestra a convite do curso de Direito, disse:

[...] estou achando fantástico essa criação de vocês, estou sabendo que vocês realizam essa Semana duas vezes ao ano estou impressionada com a organização e com a preocupação de trazerem uma diversificação de profissionais e de diferentes disciplinas e diferentes abordagens e isso acho que vai enriquecer muitíssimo a faculdade e a oportunidade dos próprios profissionais manterem contato entre eles [...] algumas vezes eu reparei que isso não está sendo possível devido ao horário dos profissionais, se houvesse uma chance de que os profissionais participassem de uma mesa redonda ou mesmo às vezes até uma coisa informal entre eles acho que haveria uma chance de trocassem idéias, enfim enriquecerem entre eles com o próprio conhecimento e essa diversificação das outras áreas, mas eu acho que até isso vocês estão tentando quando proporcionam o passeio pela cidade, o passeio turístico, é uma forma, é uma oportunidade de se encontrarem; e cada um contar suas experiências, isso é muito bonito, muito enriquecedor.

Da mesma forma que a professora M.C.W., em seu depoimento, elogia a natureza da *Semana de Seminários*, encontramos, no depoimento do senhor P.C.R., um incentivo para levar a idéia avante.

O senhor P.C.R., profissional da TAM-TRAINING, quando veio trabalhar com alunos e professores do curso de Ciências da Aeronáutica, afirmou-nos:

... a iniciativa é excepcional, muito boa. Eu tive a oportunidade de ler um pouco sobre o evento a noite passada, quando eu cheguei, através de um caderno com o programa completo. E, não tenho condições de fazer críticas, porque eu acho que não há críticas a fazer. Pelo contrário, a iniciativa é uma idéia muito boa, me parece uma coisa, se não totalmente pioneira, mas bastante pioneira. Eu nunca tinha visto, um programa de evento tão amplo, como este que vocês estão fazendo aqui. Então, eu acho que é uma ótima idéia e a única sugestão que eu posso dar é: continuem fazendo o mesmo trabalho.

É fora da estrada que os homens vão caminhando. Percebemos nas falas aqui evidenciadas que a pesquisa constante do envolvimento e da participação de alunos e professores torna-se um fator relevante, que re-significa, cada vez mais, os propósitos e as ações vivenciadas em cada *Semana*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se, cada vez mais, a necessidade de mudanças nos métodos e sistemas de produção e construção do conhecimento nas escolas, seja qual for o nível. Não somente os efeitos da tecnologia globalizante, mas também, e principalmente, a convivência mais solta e descontraída permitem maior comunicação e maior interação entre as pessoas e o ambiente.

Surge daí a dúvida ou a constatação do desconhecimento. Trabalhar dentro da escola, de uma forma rápida, consistente e coerente com o grande volume de informações, criando alternativas condizentes e adequadas ao público destinado, na medida de suas possibilidades de compreensão e absorção, de uma forma organizada, tem sido um dos grandes desafios, não só do professor ou do aluno, mas de todos os profissionais e autoridades acadêmicas, que assumem o processo educativo.

Restringindo esta discussão ao tema deste trabalho — a *Semana de Seminários na Universidade de Uberaba* —, encaramos como um grande desafio a necessidade de fazer com que nossos alunos percebessem que sabem, mas sabem pouco — como qualquer um de nós — que podem buscar, com método e disciplina, sem a rigidez de programas pré-organizados, a informação que necessitam, de forma conseqüente e proveitosa, desde que se livrem dos preconceitos e da acomodação provocados pelos modelos pedagógicos mais tradicionais. Ao se livrarem da acomodação é preciso que se cerquem de uma atitude de humildade, tanto na busca como no olhar investigativo. Entendemos aqui, por humildade, a capacidade que cada indivíduo deve ter de reconhecer os próprios limites. É saber e

reconhecer que sabe algo sempre de um modo imperfeito, incompleto, inacabado e que, a qualquer momento, pode ser e certamente será questionado, retomado e superado.

É preciso, pois, que o estudante na universidade se conscientize de que doravante o resultado do processo de busca e de construção do seu conhecimento depende fundamentalmente dele mesmo. Pela própria natureza do processo educacional desse nível, as condições de aprendizagem transformam-se no sentido de exigir do estudante maior autonomia na efetivação da aprendizagem, maior independência em relação aos subsídios da estrutura do ensino e dos recursos institucionais que ainda continuam sendo oferecidos. O aprofundamento da vida científica passa a exigir, então, uma postura de auto-atividade didática que deverá ser, sem dúvida, crítica e rigorosa, já que não basta a presença física às aulas e o cumprimento forçado de tarefas acadêmicas rotineiras.

É preciso reforçar o interesse na pesquisa, na busca, na curiosidade. Na compreensão de que não há fatos — organizados em disciplinas — isolados. Tudo se inter-relaciona, complementa-se. Há que se pensar na necessidade de juntar idéias, informações e conhecimentos, buscando aqui e ali os elementos da compreensão do específico, ou do geral, disponibilizado no todo e de todas as formas.

Os dados coletados confirmam nossa hipótese, que a *Semana de Seminários* é uma quebra na rotina acadêmica visível. No decorrer desse período são interrompidas as principais atividades acadêmicas regulares — aulas e estágios —, as quais são substituídas por diversas outras, como conferências, minicursos, oficinas, apresentações artísticas, exposições, congressos, reuniões científicas e outras, nas quais convidados de todo o país juntam-se ao corpo docente, discente e administrativo Instituição e da comunidade externa. Busca-se a discussão, novas informações e experiências, a atualização dos conhecimentos aqui trabalhados e construídos. Busca-se, sobretudo, a abertura de espaços e oportunidades para que aqui aconteça o confronto de concepções. Com o vislumbrar de outras fronteiras a escola cria espaços de diálogo com a comunidade acadêmica interna e externa e com a realidade que a circunda. Os muros mais fechados são substituídos por outras membranas que, mesmo contendo outras e divergentes substâncias, permitem mais suavemente sua travessia. Todo esse movimento de flexibilização e de criação de outras alternativas no espaço educativo propicia um dos encontros mais bonitos e importantes da escola: o dos sujeitos com o conhecimento, com as ciências e com a cultura.

Partindo dos dados levantados nesta pesquisa, podemos observar que, para a grande maioria dos docentes, dos alunos e dos funcionários técnico-administrativos e também das outras pessoas convidadas para cada evento, a *Semana de Seminários* traz resultados

positivos, na medida em que possibilita intercâmbio de experiências, situa-se como espaço de convivência, de socialização e outras vivências, oportuniza enriquecimento pessoal e profissional. Seus participantes revelam, em sua grande maioria, que, ao longo de cada um deles têm uma atuação animada, ativa, comprometida e interessada, possibilitada pela escolha de temas e atividades de seu interesse pessoal.

A *Semana de Seminários* pretende ser, dessa forma, a combinação de tempo e espaço, que permita uma movimentação física e intelectual propícia à seleção e escolha dos assuntos do interesse de cada um, úteis principalmente ao trabalho que aqui se desenvolve no cumprimento das formalidades legais que levam os sujeitos à formação profissional e conseqüente titulação. É como a célula que se desdobra — e as idéias entremeadas multiplicam-se, contaminam-se, enriquecem-se e modificam-se.

Os resultados positivos apontados não nos permitem acomodação. Muito haverá que se discutir: a formatação, a temática, a organização, o interesse, o apoio logístico, o envolvimento docente e discente, a adequação e integração com as atividades regulares e outros. Cada item que constituiu um objeto de análise sempre permitirá diferentes leituras, desdobramentos e aprofundamentos de seu conteúdo. Se fôssemos buscar respostas para todas as questões suscitadas, provavelmente teríamos um longo trabalho sem fim. Não há verdades absolutas.

Continuemos discutindo, avaliando e propondo mudanças, sempre no sentido de aperfeiçoar o propósito de permitir que este movimento seja efetivamente um elemento motivador para a busca da autonomia e da ação de estudar e, por conseguinte, de pesquisar, por parte de toda a comunidade acadêmica, principalmente professores e alunos.

Nosso objetivo maior durante todo este trabalho de pesquisa foi o de investigar a experiência da *Semana de Seminários*, detalhando o mais possível a sua implementação, colocando-nos de olhos e ouvidos abertos para pensar e repensar uma atividade que, certamente, por sua própria natureza nunca estará pronta e acabada.

Retomando a proposta de análise, pudemos afirmar que as Semanas de Seminários trazem temas e assuntos que enriquecem as discussões acadêmicas. A participação da comunidade interna é satisfatória, com avaliações positivas quanto à organização, conteúdo e oportunidade de se trabalhar de forma diferente, motivadora, confirmando assim nossas hipóteses quanto às mudanças na formação do aluno, na busca da autonomia na ação de estudar e pesquisar, facilitando a construção das relações entre os participantes.

A edição das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Superior, por parte do Conselho Nacional de Educação, em 2002/2003, confirma nossos propósitos. As chamadas

“atividades complementares” — componentes curriculares que possibilitam o desenvolvimento de competências e aquisição de conhecimentos de forma independente — e o incentivo a estudos não presenciais indicam a tendência para o desenvolvimento de uma formação autônoma, ética, crítica, politizada, que significa a construção do profissional-cidadão.

Não temos a intenção de fixar modelos ou conceitos, mas sim discuti-los sempre. Acreditamos que a proposta da *Semana de Seminários*, se bem avaliada, discutida, confrontada, buscados os fundamentos teóricos, os erros, acertos, enriquecida por outras experiências, poderá vir a ser uma contribuição a mais para a formação dos alunos e professores desta Universidade e toda a comunidade acadêmica externa que a procura. Este é, certamente, um movimento de construção e desconstrução, num processo contínuo e permanente de retomada e de reavaliação. O público do momento, alunos, professores e demais convidados e os fatos do cotidiano interferem e interferirão sempre, no envolvimento e no aproveitamento com e da programação. Cada *Semana de Seminários* foi e será mais ou menos rica, menos ou mais aproveitada, menos ou mais bem avaliada, dependendo das contingências internas e externas do seu próprio tempo. Queremos que o esforço — que não é pequeno — seja sempre proveitoso, criativo e coerente com seus propósitos mais reais, profundos e verdadeiros.

REFERÊNCIAS

- ABREU JUNIOR, Laerthe. *Conhecimento transdisciplinar: o cenário epistemológico da complexidade*. Piracicaba: UNIMEP, 1996.
- ALARCÃO, Isabel. *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Portugal, Porto: Porto Ed., 1996.
- ALVARADO PRADA, Luis Eduardo. *Formação participativa de docentes em serviço*. Taubaté: Cabral Editora Universitária, 1997.
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 12. ed., São Paulo: Cortez, 1985.
- ALVES, Rubem. *O amor que acende a lua*. Campinas: Papirus, 1999.
- ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus, 2001.
- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BARBIER, R. *A pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BERGER, P. & LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. São Paulo: Vozes, 1989.
- BICUDO, M. Aparecida Viggiani & SILVA JÚNIOR, Celestino Alves da (Orgs.). *Formação do Educador*. São Paulo: UNESP, 1996.
- BIELSA, Rafael. Los cursos de seminário. In: *Temas de Pedagogia Universitária*. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, p. 218, [s.d.].
- BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CANDAU, Vera Maria (Org.). *Magistério: construção cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CARRAHER, Terezinha Nunes (Org.). *Aprender pensando*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
- CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2000.

- CUNHA, Maria Isabel da. Ensino como mediação da formação do professor universitário. In: MOROSINI, Marília Costa (Org.). *Professor do ensino superior: identidade, docência e formação*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, 2000.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa participante: mito e realidade*. Brasília: UNB/INEP, 1982.
- DEMO, Pedro. *Desafios modernos da educação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 4. ed. Brasília: Autores Associados, 2000.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa - Princípio científico e educativo*. São Paulo: Cortez, 2002.
- FAZENDA, Ivani C.A. A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.
- FAZENDA, Ivani C.A. (Org.). *Didática e interdisciplinaridade*. Campinas: Papirus, 1998.
- FAZENDA, Ivani C.A. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. Campinas: Papirus, 1999.
- FAZENDA, Ivani C.A. (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Extensão e comunicação*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000a.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática para liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000b.
- FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. *Sobre a educação (diálogos)*. vol. 2. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GARDNER, Howard. *O verdadeiro, o belo e o bom - Os princípios básicos para uma nova educação*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.
- GRILLO, Marlene Corroero. O lugar da reflexão na construção do conhecimento profissional. In: *Professor do ensino superior: identidade, docência e formação*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), 2000.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a História*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- JANTSCH, Ari Paulo e BIANCHETTI, Lucídio (Org.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KOSIC, Karel. *Dialética do concreto*. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- KRAMER, Sônia. *Por entre as pedras: arma e sonho da escola*. São Paulo: Ática, 1998.
- LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MALDANER, Otávio Aloísio. O professor-pesquisador: uma nova compreensão do trabalho docente. *Espaços da escola: o professor-pesquisador*. Ijuí, v.1, n. 1, p. 5-14, jul/set, 1991.
- MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa (Org.). *Currículo: políticas e práticas*. Campinas: Papirus, 1999.
- MORGAN, G. *Imagens da organização*. São Paulo: Atlas, 1996.
- MORIN, Edgar. *Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental*. Natal: EDUFRN, 2000a.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2000b.
- MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- NÉRICE, Imídeo G. *Metodologia do ensino superior*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.
- NÓVOA, Antonio. *Profissão professor*. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Ed., 1995.

- NÓVOA, Antonio. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: FAZENDA, Ivani (Org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 29-42.
- ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu - Sociologia*. São Paulo: Ática, 1994.
- PARSONS, T. *Societies: evolutionary and comparative perspectives*. New Jersey: Prentice-Hall, 1966.
- PÉREZ GOMES, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Don Quixote, 1992, p. 93-114.
- PETRAGLIA, Izabel Cristina. *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- QUELUZ, Ana Gracinda. Tempo. In: FAZENDA, Ivani C. A. (Org.). *Dicionário em construção: interdisciplinaridade*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 141.
- RIBEIRO, Darcy. *A universidade necessária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- RIOS, Terezinha Azeredo. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1998.
- SCHÖN, Donald. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, Antônio. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1998.
- THURLER, Monica Gather. *Inovar no interior da escola*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- TRIVIÑOS, A N.S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais - A pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Ática, 1987.
- VASCONCELOS, Isabella Francisca Freitas Gouveia de. IBM: O desafio da mudança. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, mai/jun, pp. 84-97, 1992.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro & CASTANHO, Maria Eugênia L.M. (Orgs.). *Pedagogia universitária: a aula em foco*. Campinas: Papyrus, 2000.
- ZABALDA, M.A. Els processos d'innovació a l'ensenyament universitari. *Temp's d'Educació*, v. 8, 1992.

APÊNDICES

Apêndice A

DEPOIMENTOS

“A Semana de Seminários na Universidade de Uberaba encerra uma oportunidade ímpar, guarda um ritmo de predição, desdobra uma perspectiva de realidades promissoras.

Nela, a rotina cede lugar para o novo, a fragmentação das tarefas é superada na composição de encontros culturais e científicos, palestras, minicursos, trazendo para todos a oportunidade de compartilhar experiências e divulgar saberes.

É o encontro das diferenças que, longe de dividir, une e enriquece: professores, alunos, funcionários, especialistas, artistas convidados e comunidade em geral.

É um convite à reflexão até o mais fundo das coisas para podermos ter o privilégio de encontrar, além da superfície das frases feitas, as pessoas.

O que se pretende com estas programações especiais é o espírito novo, insatisfeito, de busca e de crítica instalado na Universidade, fixado para sempre.

Enfim, a Semana de Seminários deve conservar sempre a característica de véspera, de expectativa confiante e segura de melhores condições e ambiente cultural para os jovens que, aqui, preparam-se para a grande aula que é a sua existência. “

Elsie Barbosa – Vice-Reitora

“A Semana de Seminários da Universidade de Uberaba implica a idéia de uma Universidade aberta, dinâmica e comprometida com seu meio. Nessa proposta busca-se estimular o anacrônico estágio do “aulismo”, instaurando-se uma atitude nova, mais arejada e crítica. Atenta ao novo campo pedagógico, a instituição propõe um espaço para se dar ênfase ao desenvolvimento pleno do educando, em suas várias dimensões. Assim, as atividades abarcam não só as novas tendências nas diversas áreas do conhecimento, como também contemplam as esferas estéticas, éticas, afetivas, culturais e socioeconômicas. O que gostaria de ampliar é a participação da comunidade externa, principalmente na nossa área, de educação. Sem dúvida, considero que na Semana de Seminários a instituição se encanta!”

Sueli de Abreu Bernardes - Diretora do Instituto de Formação de Educadores

“A Semana de Seminários foi implantada na instituição em 1997 com a proposta inicial de se oferecer 4 atividades/ano, passando para 1 atividade semestral em 1998. Com o objetivo de proporcionar a toda comunidade a aquisição de novas informações, atualização, aperfeiçoamento ou capacitação, buscando sempre oferecer temas atuais e relevantes, convidando profissionais que são referência para apresentação de conferências, palestras e minicursos.

A Coordenação deste projeto desenvolve suas atividades através da pesquisa, do planejamento, da organização, da coordenação, do controle e da implantação do mesmo visando atingir os acadêmicos com medidas concretas e resultados projetados. Integram este projeto as seguintes comissões: Central, Atividades Científicas, Atividades Culturais, Apoio Acadêmico, Documentação, Divulgação e Recepção. Essas comissões são formadas por diretores, professores, técnicos administrativos e alunos.

Desde a primeira Semana de Seminários tenho participado do planejamento e execução de eventos culturais. Um evento deste porte é uma excitante atividade administrativa, quando se conduz um centena de pormenores que devem surgir em harmonia e em ritmo correto. Porque o que diferencia um evento medíocre de um acontecimento brilhante não está no custo e sim na forma como se consegue o equilíbrio entre a criatividade, o bom *senso e a precisão de seu gerenciamento. A Semana de Seminários tem sido para nós um constante aprendizado e a cada semestre buscamos solucionar os problemas que foram detectados no anterior, procurando sempre inovar, buscar parcerias; enfim oferecer aos nossos alunos um momento diferenciado.*”

Maria Beatriz Russo Rodrigues -Assessora de Relações Públicas

“Compreende-se como finalidades da Universidade o ensino, a pesquisa e a extensão, em cumprimento deste último objetivo, a Universidade de Uberaba vem realizando semestralmente uma “Semana de Seminários”, tendo como público alvo, além de seus alunos, toda a comunidade de Uberaba e região.

A qualidade das palestras e dos cursos oferecidos naquelas ocasiões, vem solidificando o papel da Universidade de Uberaba como uma instituição cada vez mais viva, dinâmica e integrada ao meio onde está inserida. Torna-se, assim, um espaço por excelência para o exercício e a divulgação do saber nesta cidade.” ***Maria Antonieta Borges Lopes - Historiadora***

Apêndice B

PESQUISA DO INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

data/05/01

Caro aluno(a)

Estamos realizando uma pesquisa sobre a **SEMANA DE SEMINÁRIOS** e gostaríamos de contar com sua colaboração. Você não precisa declarar seu nome: como pesquisa científica, mantém-se sigilo.

Existem inúmeras opiniões favoráveis e críticas à **Semana de Seminários**. Por favor, faça um X nos parênteses da resposta que corresponde mais a sua opinião.

38. “uma possibilidade de escolha de temas do meu interesse”

concorda muito concorda parcialmente discorda

39. “uma mera repetição das aulas”

concorda muito concorda parcialmente discorda

40. “uma atividade extracurricular significativa”

concorda muito concorda parcialmente discorda

41. “apenas uma atividade obrigatória”

concorda muito concorda parcialmente discorda

42. “um espaço de convivência e socialização”

concorda muito concorda parcialmente discorda

43. “uma semana de descanso”

concorda muito concorda parcialmente discorda

44. “uma ampliação da discussão dos temas tratados na sala de aula”

concorda muito concorda parcialmente discorda

45. “uma perda de tempo”

concorda muito concorda parcialmente discorda

46. “uma oportunidade para o confronto de concepções”

concorda muito concorda parcialmente discorda

48. “uma interrupção do semestre, prejudicando o andamento do semestre”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

O que a **Semana de Seminários** representa para você?
Marque a resposta mais adequada, nas próximas afirmativas:

49. “uma possibilidade de enriquecimento pessoal”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

50. “uma oportunidade de intercâmbio com outras experiências”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

51. “um evento com atividades de qualidade”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

52. “uma oportunidade de confronto entre meus conhecimentos e outras abordagens”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

53. “uma possibilidade de conhecer outros profissionais, outras vivências”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

Qual a relação que você vê entre os conteúdos da sala de aula e os assuntos abordados na **Semana de Seminários**:

54. “ambos têm muito em comum”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

55. “ambos conhecimentos se complementam”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

56. “estão sempre divorciados” () *concorda* () *parcialmente* () *discorda*

57. “os conteúdos de sala de aula ajudam a entender os dos seminários”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

58. “os seminários são um olhar diferente dos conteúdos de sala de aula”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

Avalie a participação de seus **professores** na **Semana de Seminários**:

59. “a maioria dos professores participam ativamente dos seminários”

concorda

concorda parcialmente

discorda

60. “a maioria dos professores ficam ausentes”

concorda

concorda parcialmente

discorda

61. “os professores motivam os alunos a participarem”

concorda

concorda parcialmente

discorda

62. “os professores demonstram comprometimento com as atividades da Semana”

concorda

concorda parcialmente

discorda

63. “a maioria dos professores parece ficar indiferente aos eventos”

concorda

concorda parcialmente

discorda

Pelo que você vê e ouve falar, qual é a **opinião dos alunos** quanto a Semana:

64. Quanto à presença: *cansativa* *proveitosa* *indiferente*

65. Quanto à importância: *desnecessária* *fundamental* *secundária*

66. Comprometimento: *boa adesão* *pouca adesão* *desligados*

67. Participação: *positiva* *cumprir carga horária* *negativa*

Marque um X nos parênteses que referem-se ao seu nível de concordância em relação as seguintes opiniões:

68. “a Semana dispõe de um sistema de controle de frequência eficiente”

concorda muito *concorda parcialmente* *discorda*

69. “ela está sendo conduzida de forma satisfatória”

concorda muito *concorda parcialmente* *discorda*

70. “é uma Semana tumultuada, trazendo contratempos diversos”

concorda muito *concorda parcialmente* *discorda*

71. “apresenta uma estrutura física deficiente”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

72. “mesmo com alguns contratempos, vale a pena participar”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

73. “há uma distribuição adequada entre atividades acadêmicas e culturais”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

74. Dê sugestões para a **Semana de Seminários**:

.....

.....

.....

.....

.....

75. Por favor, registre suas críticas sobre a **Semana de Seminários**, com sinceridade:

.....

.....

.....

.....

.....

Apêndice C

PESQUISA DO INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

data/05/01

Caro colega funcionário(a)

Estamos realizando uma pesquisa sobre a **SEMANA DE SEMINÁRIOS** e gostaríamos de contar com sua colaboração. Você não precisa declarar seu nome: como pesquisa científica, mantém-se sigilo.

Existem inúmeras opiniões favoráveis e críticas à **Semana de Seminários**. Por favor, faça um X nos parênteses da resposta que corresponde mais a sua opinião.

77. “a **Semana de Seminários** é um aborrecimento”

concorda muito *concorda parcialmente* *discorda*

78. “a **Semana de Seminários** é uma movimentação interessante”

concorda muito *concorda parcialmente* *discorda*

79. “a **Semana de Seminários** é uma semana como as outras”

concorda muito *concorda parcialmente* *discorda*

80. “a **Semana de Seminários** é uma mudança da rotina acadêmica”

concorda muito *concorda parcialmente* *discorda*

Pelo o que você vê e ouve falar, como é a **participação dos alunos** na **Semana de Seminários**?

81. “animada” *concorda muito* *concorda parcialmente* *discorda*

82. “indiferente” *concorda muito* *concorda parcialmente* *discorda*

83. “comprometida com as atividades”

concorda muito *concorda parcialmente* *discorda*

84. “irritada” *concorda muito* *concorda parcialmente* *discorda*

Pelo que você vê e ouve falar, como é a **participação dos professores** na **Semana de Seminários**?

85. “professores ativos”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

86. “professores curiosos”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

87. “professores indiferentes”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

88. “professores animados”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

89. “professores comprometidos com as atividades”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

90. “professores satisfeitos”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

91. “professores irritados”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

Você concorda ou discorda das alternativas abaixo?

92. “na **Semana de Seminários**, tenho muito trabalho extra”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

93. “a **Semana de Seminários** me deixa muito tranquilo(a)”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

94. “na **Semana de Seminários** me sinto satisfeito(a)”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

95. “tenho vontade de participar das atividades da **Semana de Seminários**”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

96. “na **Semana de Seminários**, somos chamados a colaborar”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

97. “recebemos orientações inadequadas sobre a **Semana de Seminários**”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

98. “durante a **Semana de Seminários**, percebo organização”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

99. “na **Semana de Seminários**, a Universidade se esvazia”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

100. Dê sugestões para a **Semana de Seminários**:

.....

.....

.....

.....

.....

101. Faça seus comentários críticos sobre a **Semana de Seminários**, com sinceridade:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Apêndice D

PESQUISA DO INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

data/05/01

Caro colega professor(a)

Estamos realizando uma pesquisa sobre a **SEMANA DE SEMINÁRIOS** e gostaríamos de contar com sua colaboração. Você não precisa declarar seu nome: como pesquisa científica, mantém-se sigilo.

Existem inúmeras opiniões favoráveis e críticas à **Semana de Seminários**. Por favor, faça um X nos parênteses da resposta que corresponde mais a sua opinião.

2. “a **Semana de Seminários** possibilita um intercâmbio de experiências”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

3. “uma semana boa para descanso”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

4. “um espaço de convivência e socialização”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

5. “apenas uma atividade obrigatória”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

6. “espaço de confronto entre concepções”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

7. “uma mera repetição das aulas”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

8. “uma possibilidade de enriquecimento pessoal e profissional”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

9. “é quase uma perda de tempo”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

10. “oportunidade de aprofundamento dos conteúdos trabalhados em sala de aula”

() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

11. “um modismo curricular”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

13. “uma oportunidade para os alunos realizarem exercícios previamente propostos”
() *concorda muito* () *concorda parcialmente* () *discorda*

Como **você, enquanto professor**, insere esta **Semana de Seminários** no seu plano de ensino? Marque um X no fato predominante.

14. “divulgando a pertinência dos temas e atividades”
() *confirma* () *confirma parcialmente* () *não confirma*

15. “como atividade de pesquisa discente”
() *confirma* () *confirma parcialmente* () *não confirma*

16. “tenho me preocupado pouco com isso”
() *confirma* () *confirma parcialmente* () *não confirma*

17. “promovendo discussões posteriores”
() *confirma* () *confirma parcialmente* () *não confirma*

Analise a participação dos alunos na **Semana de Seminários**:

18.Quanto aos conteúdos:
.....

19.Quanto à frequência:
.....

20.Quanto à participação durante a palestra:
.....

21.Quanto ao envolvimento com o evento:
.....

Pelo o que você vê e ouve falar, qual a participação dos professores nos eventos:

22. Quanto à presença: () *cansativa* () *proveitosa* () *indiferente*

23. Quanto à importância: () *desnecessária* () *fundamental* () *secundária*

24. Comprometimento: () *boa adesão* () *pouca adesão* () *alheia*

25. Escreva sua opinião, em poucas palavras, sobre a participação dos professores na

Semana de Seminários:

.....

.....

Quanto à **organização** da **Semana de Seminários**, marque um X no nível de concordância que você assume sobre as afirmativas:

26. “mesmo com contratempos, vale a pena”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

27. “apresenta uma estrutura física deficiente”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

28. “está sendo conduzida de forma satisfatória”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

29. “é tumultuada, trazendo contratempos”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

30. “divulga insatisfatoriamente as atividades”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

31. “traz satisfação aos professores”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

32. “é uma semana como as outras”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

33. “interrompe o andamento do semestre”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

34. “é algo dispensável”
() *concorda* () *concorda parcialmente* () *discorda*

35. Dê sugestões para a **Semana de Seminários**:

.....

.....

.....

.....

.....

36. Por favor, registre suas críticas sobre a **Semana de Seminários**, com sinceridade:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Apêndice E

A) Dados Coletados da Semana de Seminários – Alunos. Dados em percentuais.

Perguntas	Códigos dos Temass*	Concordam muito (%)	Concordam em parte (%)	Discordam (%)	Saldo
Respostas Negativas					
Uma mera repetição das aulas.	01	7.8	35.9	56.3	<i>Discordam</i>
Apenas uma atividade obrigatória.	02	13.6	30.7	55.6	<i>Discordam</i>
Uma semana de descanso.	02	17.0	37.1	46.0	<i>Discordam</i>
Uma perda de tempo.	01	5.8	13.2	80.9	<i>Discordam</i>
Uma interrupção do semestre, prejudicando o andamento do semestre	01	7.0	10.6	82.4	<i>Discordam</i>
Os conteúdos da sala de aula e os seminários estão sempre divorciados.	04	7.0	36.0	57.0	<i>Discordam</i>
A maioria dos professores parece ficar indiferente aos eventos.	08	17.5	38.7	43.8	<i>Discordam</i>
É uma Semana tumultuada, trazendo contratempos diversos.	05	12.1	33.8	54.2	<i>Discordam</i>
Apresenta uma estrutura física deficiente.	05	18.9	42.4	38.7	<i>Conc. em parte.</i>
Respostas Positivas					
Uma possibilidade de escolha de temas do meu interesse.	03	66.2	26.6	7.2	<i>Concordam</i>
Uma atividade extracurricular significativa.	01	62.5	28.7	8.7	<i>Concordam</i>
Um espaço de convivência e socialização.	01	50.5	35.2	14.3	<i>Concordam</i>
Uma ampliação da discussão dos temas tratados na sala de aula.	04	46.0	40.0	14.0	<i>Concordam</i>
Uma oportunidade para o confronto de concepções.	01	44.0	43.4	12.6	<i>Concordam</i>
Uma possibilidade de enriquecimento pessoal.	01	69.1	25.7	5.2	<i>Concordam</i>
Uma possibilidade de intercâmbio com outras experiências.	01	66.6	26.5	6.9	<i>Concordam</i>
Um evento com atividades de qualidade.	03	41.9	47.3	10.9	<i>Conc. em Parte</i>
Uma oportunidade de confronto entre meus conhecimentos e outras abordagens.	01	48.1	41.1	10.9	<i>Concordam</i>
Uma possibilidade de conhecer outros profissionais, outras vivências.	01	75.4	20.1	4.5	<i>Concordam</i>
Os conteúdos da sala de aula e os seminários têm muito em comum.	04	29.4	53.6	17.0	<i>Concordam</i>
Os conteúdos da sala de aula e os seminários se complementam.	04	42.5	46.5	11.0	<i>Conc. em Parte.</i>
Os conteúdos de sala de aula ajudam a entender os dos seminários.	04	45.4	41.9	12.7	<i>Concordam</i>
Os seminários são um olhar diferente dos conteúdos de sala de aula.	04	33.4	47.5	19.1	<i>Conc. em Parte.</i>
A maioria dos professores participam ativamente dos seminários.	08	21.7	37.5	40.8	<i>Discordam</i>
A maioria dos professores motivam os alunos a participarem.	08	41.7	37.4	21.6	<i>Concordam</i>
Os professores demonstram comprometimento com as atividades da Semana.	09	31.1	47.8	21.1	<i>Conc. em Parte</i>
A Semana dispõe de um sistema de controle de frequência eficiente.	05	33.4	32.2	34.4	<i>Discordam</i>
Ela está sendo conduzida de forma satisfatória.	03	25.0	50.9	24.1	<i>Conc. em Parte.</i>
Mesmo com alguns contratempos, vale a pena participar.	03	64.5	29.1	6.4	<i>Concordam</i>
Há uma distribuição adequada entre atividades acadêmicas e culturais.	05	24.8	54.0	21.2	<i>Conc. em Parte</i>
Respostas Neutras					
Pelo o que você vê e ouve falar, qual é a opinião dos alunos sobre a Semana: Quanto à presença	02	<i>Proveitosa:</i> 26.4	<i>Cansativa:</i> 49.1	<i>Indiferente:</i> 24.5	<i>Cansativa</i>
Quanto à importância:	03	<i>Fundamental:</i> 35.9	<i>Secundária:</i> 46.6	<i>Desnecessária</i> 17.5	<i>Secundária</i>
Quanto ao comprometimento:	02	<i>Boa adesão:</i> 24.9	<i>Pouca adesão:</i> 47.9	<i>Desligados:</i> 27.2	<i>Pouca Adesão</i>
Quanto a participação:	02	<i>Positiva:</i> 19.7	<i>C. Carga hor.:</i> 72.8	<i>Negativos:</i> 7.4	<i>Cumprimento Carga horária</i>

* Estes códigos correspondem aos Temass Norteadores dos Questionários relacionados na metodologia da pesquisa.

Amostragem de 755 alunos, correspondendo a 10% do universo.

Apêndice E

B) Dados Coletados da Semana de Seminários – Funcionários. Dados em percentuais.

Perguntas	Códigos dos Temás*	Concordam muito (%)	Concordam em parte (%)	Discordam (%)	Saldo
Respostas Negativas					
É um aborrecimento	11	4.0	10.7	85.3	Discordam
É uma Semana como as outras	12	5.3	20.0	74.7%	Discordam
A participação dos alunos é indiferente	02	12.0	46.7	41.3	Concordam em Parte
A participação dos alunos é irritada	02	4.0	42.0	53.3	Discordam
Professores indiferentes	08	9.3	45.3	45.3	Discordam/ Conc. Em Parte
Professores irritados	09	9.3	32.0	58.7	Discordam
Na Semana de Seminários tenho muito trabalho extra	13	34.7	36.0	29.3	Concordam em parte
Recebemos orientações inadequadas sobre a Semana de Seminários	13	17.3	38.7	44.0	Discordam
Na Semana de Seminários a Universidade se esvazia	02	20.0	45.3	34.7	Concordam em parte
Respostas Positivas					
É uma movimentação interessante	12	62.7	34.7	2.7	Concordam
É uma mudança de rotina acadêmica	12	65.3	29.3	5.3	Concordam
A participação dos alunos é animada	02	21.3	56.0	22.7	Concordam em parte
A participação dos alunos é comprometida com as atividades	02	32.0	48.0	20.0	Concordam em parte
Professores ativos	08	36.0	53.0	10.7	Concordam em parte
Professores curiosos	08	18.7	64.0	17.3	Concordam em parte
Professores animados	08	34.7	50.7	14.7	Concordam em parte
Professores satisfeitos	09	30.7	57.3	12.0	Concordam em parte
Professores comprometidos com as atividades	08	48.0	42.7	9.3	Concordam
A Semana de Seminários me deixa muito tranqüilo	11	16.0	34.7	49.3	Discordam
Na Semana de Seminários me sinto satisfeito	11	50.7	34.7	14.7	Concordam
Tenho vontade de participar das atividades da Semana de Seminários	11	58.7	29.3	12.0	Concordam
Tenho vontade de participar das atividades da Semana de Seminários	11	58.7	29.3	12.0	Concordam
Somos chamados a colaborar	11	56.0	26.7	17.3	Concordam
Durante a Semana de Seminários, percebo organização	13	33.3	57.3	9.3	Concordam em parte

* Estes códigos correspondem aos Temás Norteadores dos Questionários relacionados na metodologia da pesquisa. Amostragem de 75 funcionários, correspondendo a 10% do universo total..

Apêndice E

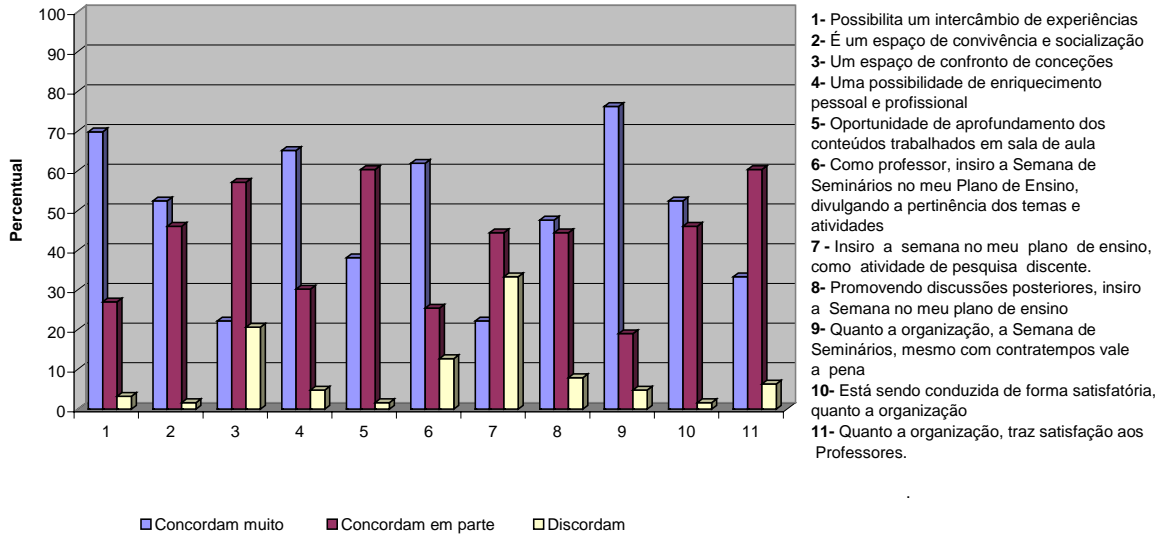
C) Dados Coletados da Semana de Seminários – Professores. Dados em percentuais.

Perguntas	Códigos dos Temas*	Concordam muito (%)	Concordam em parte (%)	Discordam (%)	Saldo
Respostas Negativas					
“é uma Semana como as outras”	07	1.6	9.5	88.9	<i>Discordam</i>
“uma semana boa para descanso”	07	1.6	20.6	77.8	<i>Discordam</i>
“apenas uma atividade obrigatória”	07	6.3	15.9	77.8	<i>Discordam</i>
“uma mera repetição das aulas”	07	1.6	14.3	84.1	<i>Discordam</i>
“é quase uma perda de tempo”	07	0.0	6.3	93.7	<i>Discordam</i>
“um modismo curricular”	07	1.6	7.9	90.5	<i>Discordam</i>
“uma oportunidade para os alunos realizarem exercícios previamente propostos”	07	9.5	42.9	47.6	<i>Discordam</i>
“Como professor, você insere a Semana de Seminários no seu Plano de Ensino? “tenho me preocupado pouco com isso”	04	1.6	23.8	74.6	<i>Discordam</i>
Quanto a organização a Semana de Seminários: “apresenta uma estrutura física deficiente”	10	7.9	38.1	54.0	<i>Discordam</i>
Quanto a organização a Semana de Seminários: “é tumultuada, trazendo contratempos”	10	1.6	36.5	61.9	<i>Discordam</i>
Quanto a organização a Semana de Seminários: “divulga insatisfatoriamente as atividades”	10	15.9	46.0	38.1	<i>Com. em parte</i>
“Interrompe o andamento do semestre”	07	3.2	9.5	87.3	<i>Discordam</i>
“é algo dispensável”	07	3.2	9.5	87.3	<i>Discordam</i>
Respostas Positivas					
“a Semana de Seminários possibilita um intercâmbio de experiências”	06	69.8	27.0	3.2	<i>Concordam</i>
“um espaço de convivência e socialização”	06	52.4	46.0	1.6	<i>Concordam</i>
“espaço de confronto entre concepções”	06	22.2	57.1	20.6	<i>Concordam em parte</i>
“uma possibilidade de enriquecimento pessoal e profissional”	06	65.1	30.2	4.8	<i>Concordam</i>
“oportunidade de aprofundamento dos conteúdos trabalhados em sala de aula”	04	38.1	60.3	1.6	<i>Concordam em parte</i>
Como professor, insiro a Semana de Seminários no meu Plano de Ensino, “divulgando a pertinência dos temas e atividades”	04	61.9	25.4	12.7	<i>Concordam</i>
Como professor, insiro a Semana de Seminários no meu Plano de Ensino, “como atividade de pesquisa discente”	04	22.2	44.4	33.3	<i>Concordam em parte</i>
Como professor, insiro a Semana de Seminários no meu Plano de Ensino, “promovendo discussões posteriores”.	04	47.6	44.4	7.9	<i>Concordam em parte</i>
Quanto a organização a Semana de Seminários: “mesmo com contratempos vale a pena”	10	76.2	19.0	4.8	<i>Concordam</i>
Quanto a organização a Semana de Seminários: “está sendo conduzida de forma satisfatória”	10	52.4	46.0	1.6	<i>Concordam</i>
Quanto a organização a Semana de Seminários: “traz satisfação aos professores”	10	33.3	60.3	6.3	<i>Concordam em parte</i>
Pelo que você vê e ouve falar, qual a participação dos professores no evento, quanto à presença?	08	<i>Proveitosa: 69.8</i>	<i>Cansativa: 4.8</i>	<i>Indiferente: 25.4</i>	<i>Proveitosa</i>
Pelo que você vê e ouve falar, qual a participação dos professores no evento, quanto à importância?	09	<i>Fundamental: 71.4</i>	<i>Secundária: 28.6</i>	<i>Desnecessária: 0.0</i>	<i>Fundamental</i>
Pelo que você vê e ouve falar, qual a participação dos professores no evento, quanto ao comprometimento?	08	<i>Boa Adesão: 36.5</i>	<i>Pouca adesão: 58.7</i>	<i>Alheia: 4.8</i>	<i>Pouca Adesão</i>

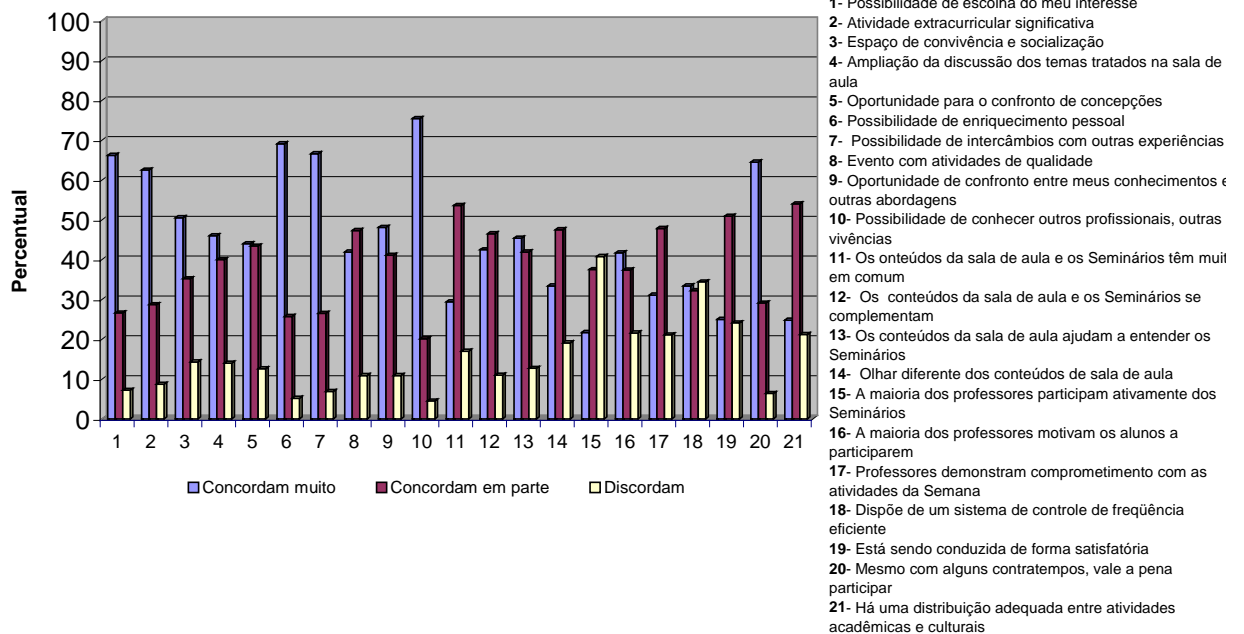
* Estes códigos correspondem aos Temas Norteadores dos Questionários relacionados na metodologia da pesquisa. Amostragem de 63 professores, correspondendo a 10% do universo.

Apêndice F

Opiniões dos Docentes sobre a Semana de Seminários
Hipóteses Positivas

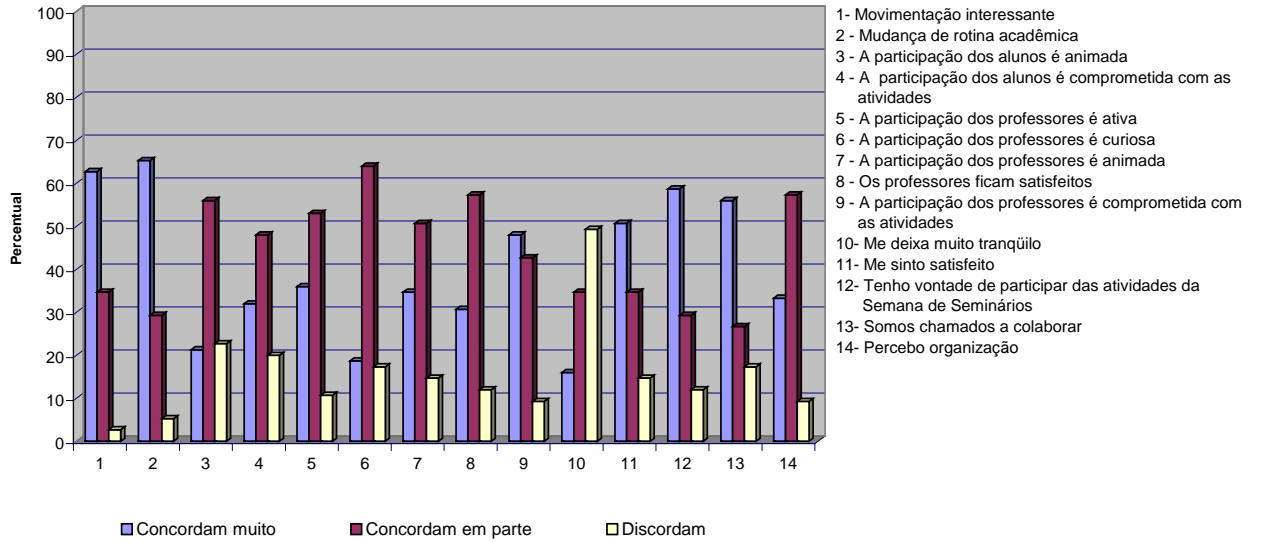


Opiniões dos Discentes sobre a Semana de Seminários.
Hipóteses Positivas

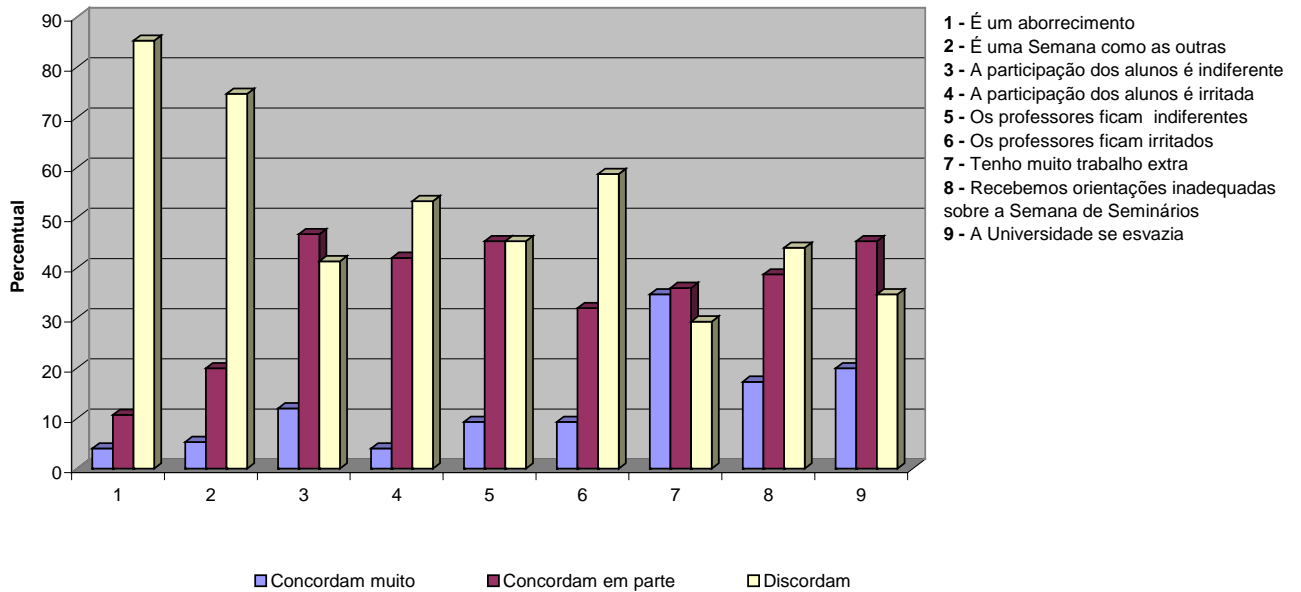


Apêndice G

Opiniões dos funcionários sobre a Semana dos Seminários Hipóteses Positivas

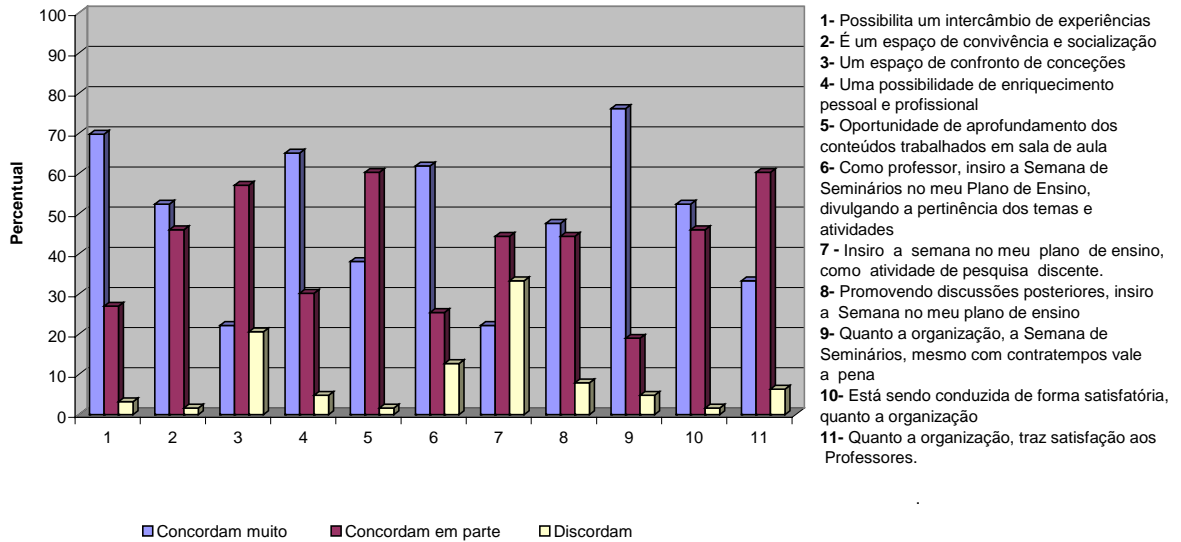


Opiniões dos Funcionários sobre a Semana de Seminários Hipóteses Negativas

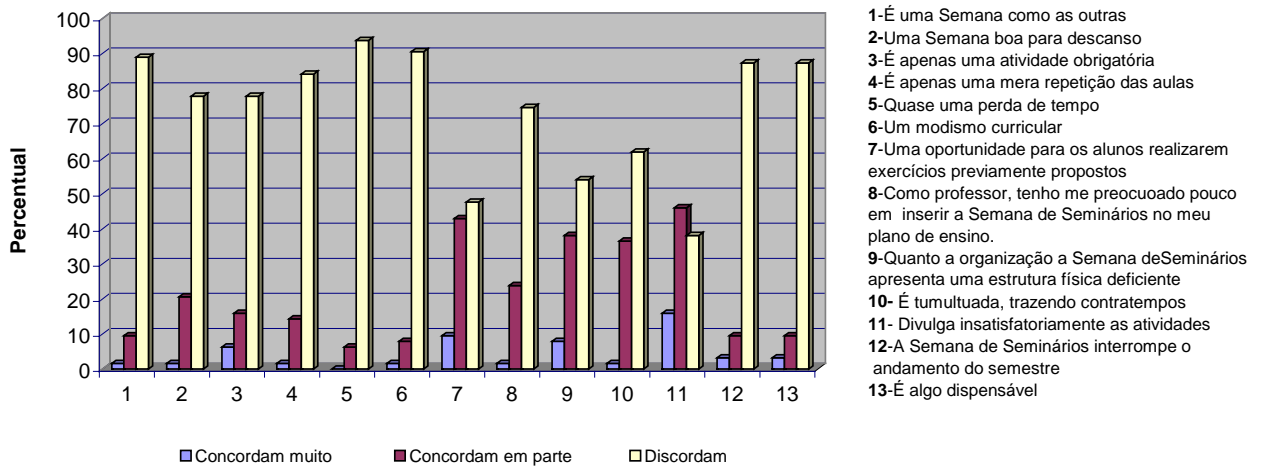


Apêndice H

Opiniões dos Docentes sobre a Semana de Seminários
Hipóteses Positivas

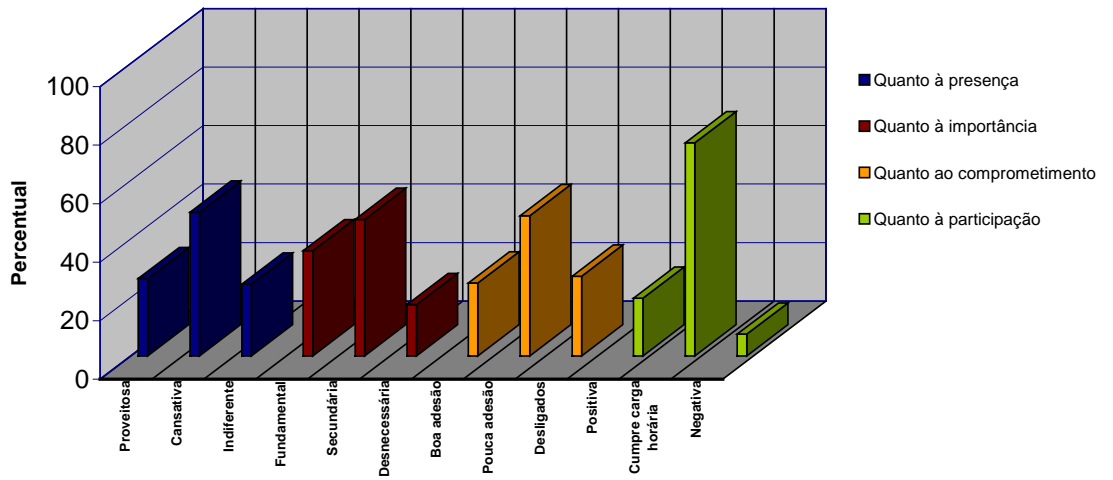


Opiniões dos Docentes sobre a Semana de Seminários.
Hipóteses Negativas



Apêndice I

Opiniões dos Alunos em Relação à Semana de Seminários



Apêndice J

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PALESTRANTES

Questão única:

O Instituto de Formação de Educadores está realizando uma pesquisa sobre os diversos olhares das pessoas que participam da Semana de Seminários. Nesse sentido, gostaria de saber o que o senhor(a) pensa sobre este evento, quais são suas críticas, quais são suas sugestões.

Poderão ser usadas as perguntas de apoio:

SEMANA DE SEMINÁRIOS

➤ Entendimento

O que é?

O que representa como atividade extracurricular?

➤ Poderia nos falar sobre experiências ou vivências similares, que de alguma forma, podem contribuir para a Semana de Seminários?

➤ Qual a sua percepção quanto à organização do evento e possíveis melhoras?

➤ (Desde o convite, como foi orientado...)

➤ Como avalia a participação de nossos professores e alunos?

Quantidade mínima de entrevistados: 24

Apêndice K

ENTREVISTA COM A VICE - REITORA PROF^a. ELSIE BARBOSA, REALIZADA DIA 08.11.01

Prof^a. Elsie, na VI Semana de Seminários, pela primeira vez, teve um tema nucleador: Desafios para 2020. O que se pretendeu com esse tema? Quais as pessoas que participaram desta escolha, por quê?

Na verdade, a Semana de Seminários já nasceu defendendo a tese de que nós precisaríamos de um tema núcleo, capaz de, em torno dele, ah... os cursos trazerem contribuições de especialistas, é... observando a especificidade de cada curso, mas atendendo essa temática comum. Seria o ponto de convergência do Seminário, para criar uma certa identidade. Isso sempre foi; tanto é que, a primeira proposta que nós fizemos foi que o tema ética fosse o tema central, mas por mil razões, a gente não entende, não tem como explicar, porque racionalmente não tem explicação. Isto acabou não acontecendo. As programações foram feitas sem atender uma temática central. Quando este tema surgiu, ele na verdade, ele surgiu de um encontro com os diretores e com aquela insistência nossa para ter um tema central, que pudesse fazer convergir todas as opções dos diferentes cursos e este de repente agradou. Não tem uma explicação específica porque isto. Na verdade, a explicação poderia ser dada de cada curso. Por que cada curso achou que este seria interessante. Nós estávamos nas vésperas da passagem de Milênio, nós estávamos na véspera de um novo ano que se iniciaria com outros paradigmas, com outras idéias, então, isso nos pareceu interessante. Agora, quem participou disso, foram todos os diretores de curso.

Qual foi o propósito do 1º Encontro de Linhas de Pesquisa e Projetos Integrados realizado em 1998?

Na verdade, a Universidade sempre consciente de seu papel de Universidade, é... sempre quis, é... ver na comunidade acadêmica essa preocupação com a produção científica, com a pesquisa e tal. Como se trata de uma Universidade nova que não tem tradição de pesquisa, nós tínhamos que ter pessoas que fossem capazes de ser animadoras dessa questão. O que eu me lembro na época, necessariamente, que isso não surgiu por conta do Seminário, mas por conta de trabalho na Pró-Reitoria de Pós-Graduação é que

conversando com o Pró-Reitor que era, então, o Brandão, o Prof. Brandão. Ele achou interessante essa idéia e começou a reunir institutos para dizer de sua experiência, o que eles estavam fazendo, é, que tipo de pesquisa estava acontecendo. Nós estávamos numa fase, também, de implantação dos novos institutos, então, tudo muito novo, não é? Do que resultou desse esforço pretendeu-se fazer, criar um espaço para que isso fosse divulgado, a idéia, eu não tenho muito bem preciso como era na programação, porque eu não estava coordenando naquela época. Mas, foi muito mais como um resultado de um trabalho que estava começando a acontecer dentro da Instituição. Isso foi uma demonstração do que já estava acontecendo, não é? e também, uma oportunidade para aprofundar certos conceitos, certas idéias ligadas à produção científica.

O que foi verificado nas Semanas de Seminários de 2000? Foi planejado alguma mudança?

Eu diria que 2000 nada mais foi do que a evolução é... de 1999 que foi quando a gente fez um regimento e passou a ter um controle maior sobre as Comissões. Porque, na verdade, o que aconteceu em 99 foi a implantação de um regimento, que na verdade, isso precisa ficar bem claro, o Seminário vêm evoluindo ao longo dos anos, isso não resta menor dúvida. Maior experiência dos diretores, maior envolvimento dos alunos e professores, maior compreensão do que vem a ser Seminários. O que aconteceu em 1999 é que nós elaboramos um regimento para estruturar uma equipe de apoio à execução de Seminário, então, veja bem, o trabalho de reestruturação foi muito mais para melhorar condições de apoio à programação de Seminários. O Seminário em si, que consiste na programação de cada curso, trazendo os melhores nomes sobre determinados temas, temas da atualidade, ele vem evoluindo gradativamente. Se você quiser me perguntar assim: O que aconteceu em 2000? Digo, é aperfeiçoamento daquilo que iniciou em 98, ou seja, é os diretores foram, aos poucos, convivendo melhor com a experiência, foram mais, digamos assim, com mais facilidade, começaram a organizar a programação do seu curso, e aos poucos, eu penso, nós estamos atingindo, o mais próximo possível. Porque objetivo, para mim, é aproximação sucessiva de um horizonte que a gente fixa, não é? Então, foram atingindo seus objetivos de uma melhor maneira, agora, o quê que eu tenho a observar de 2000 para cá? É que há um comprometimento maior do corpo docente, nós conseguimos envolver mais o corpo docente, até mesmo com tarefa de manter a dinâmica das programações, dos eventos que fazem a programação global de cada curso, então, isso pra mim é muito positivo. Nós temos a compreensão por parte de uma população mais

significativa de aluno. Por exemplo, em 2000, nós criamos uma alternativa, o seguinte, por conta de uma certa dispersão do aluno, nós obrigamos no mínimo 12 horas, é... fazendo a programação segunda, quarta e sexta. Isso foi uma decisão do reitor junto a todo o corpo de diretores da Casa, para tentar dar mais... digamos, criar uma exigência junto ao corpo docente, então o aluno podia fazer até mais que 12 horas e eles registravam só doze.

A partir de 2000, nós começamos a perceber, um número bem significativo, mesmo para alguns cursos, outros menos, de alunos procurando além do mínimo, fazendo mais, buscando em outros cursos algum evento interessante, diversificado, isso é muito bom na relação da Universidade, então nós resolvemos valorizar isso. O aluno que faz além de 12 horas, ele tem registrado, pelo menos, a nossa orientação, no histórico escolar dele que, ele participou de eventos x, y, z do Seminários e tal. Porque é enriquecimento pessoal dele. E isso tem aumentado, a participação do aluno. Tem registrado as palestras que eles participaram, cada curso fica responsável por esse controle e também o controle central que fica no DCA tem isso registrado também. Eu não sei dizer para você como é que a DCA tem registrado isso para cumprir a nossa determinação de isso fazer aparecer no histórico escolar do aluno. Mas os diretores de curso sabem quantos alunos estão buscando outras atividades. Agora, isso varia muito, porque por exemplo, se eu tenho um aluno de um curso, é, às vezes, digamos 20 alunos resolveram fazer cursos diferentes, além das doze horas, então um escolhe um evento aqui, outro escolhe outro evento ali. Então não é uma coisa assim, engessada, fica muito aberta, que aliás é o meu ideal. Eu acho que no futuro essa Universidade vai ter Seminários, os alunos vão participar, independente se estão cumprindo ou não e quero chegar num ponto em que existe uma programação e o aluno faz a mais diversificada possível, porque isso é chegar a um objetivo de um discurso aberto, uma formação universitária mais ampla.

Sobre o tema nucleador, o que se pretende com ele?

Nós conseguimos um tema nucleador na X Semana que foi o tema da GEISH - Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana. A mesma programação da GEISH foi estruturada para atingir todos os alunos da casa, então o trabalho maior foi de reunir os diretores para nós organizarmos as turmas que em diferentes horários teriam chances de trabalhar com os mesmos temas. Essa foi a grande diferença que ocorreu nos Seminários.

E as palestras eram dadas pelos mesmos ministrantes, não é?

Não eram só palestras não. Nós tínhamos palestras, oficinas e sempre para grupos diferentes, mas todos os grupos passaram por estas mesmas oficinas, tá? Com uma experiência muito interessante, isso em dois dias viu? A partir de segunda e Terça. E quarta, quinta e sexta, aí foi a programação de cada curso sobre a concepção dos Seminários. Agora, o que foi interessante também, é que além das programações de alunos, eu comecei a envolver as programações de professores, a partir do ano 2000, de tal maneira que por exemplo, nós trouxemos, pelo laboratório de transdisciplinaridade do Instituto de Humanidades, nós temos dois especialistas para falar sobre essa questão da transdisciplinaridade da teoria da complexidade que foi uma atividade aberta para todos os professores, feitas em 2000. Foi a primeira vez que a gente fez à tarde. E, a partir desse seminário, a gente começou a privilegiar atividades, por exemplo, o IFE também fez atividades com elementos do grupo só para docentes, é..., o Seminário seguinte a gente trouxe outro tema para docentes, aberto para as pessoas que interessassem, aí, independe do curso, depende do Instituto. É por interesse, aberto a todos.

E era aberto para alunos também?

À tarde não, porque os alunos tinham programação cheia de manhã e outros tinham programação cheia à noite. À tarde, como fica mais ou menos livre a gente fez programação para o corpo docente. Um curso ou outro é que tinha programação à tarde. Por quê que nós fizemos separado? Por causa da temática, da profundidade, e aí, não adiantava trazer alunos. Os alunos tiveram nesses dois dias com o grupo da UNICAMP (GEISH - Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana) atividades à tarde, porque também, não cabia todos de manhã, todos à noite. Mas, nos outros dias, é um ou outro curso que traz atividades à tarde, porque têm oficinas, têm visitas técnicas e aí, varia de um a outro curso. Têm, mas no geral as atividades permanecem à noite, para quem estuda à noite, e de manhã, para quem estuda de manhã e a tarde para o corpo docente que está à noite e pela manhã, mas à tarde tem mais liberdade.

O tema nucleador não é obrigatório na Semana, é só se existir um consenso?

É, precisa que todos consigam entender isso, o meu esforço é que haja um tema nucleador nem que seja por área. Talvez, pode ser considerado uma das diferenças, é... que a gente abriu a programação pedindo para cada diretor tentasse fazer atividades que

pudesse interessar o outro curso. Isso também começou a partir de 2000. Então, o que significa isso? Tem programações que às vezes, de um curso que são comum a três, dois, quatro cursos. É uma tentativa de chegar a uma nucleação.

Em 2001, a senhora observou alguma mudança? Tem alguma coisa a acrescentar?

É como eu disse a você. O que eu observo de mudança nos Seminários, é uma maturidade da Casa para viver essa experiência, é um envolvimento maior de professores, de alunos, nós estamos evoluindo, penso eu. Eu acho que as experiências que nós temos tido de trazer programações à tarde, para o corpo docente, tem sido altamente positiva, sabe? Porque isso é uma oportunidade também de atualização do professor, né? A participação do corpo docente, segundo o critério de cada curso, em participar das mesas-redondas, de coordenar as palestras dos visitantes tem servido para melhorar, ou atualizar, ou enriquecer a formação de cada professor que acaba ouvindo, acaba se envolvendo mais com coisas novas que tem acontecido. Então, eu acho que, isso tem sido um processo de maturação mesmo da Semana de Seminários. Eu acho que, o que há de diferente é que às vezes, a gente acerta mais a programação, mas existe uma tônica, desde o primeiro Seminário até hoje, o que eu tenho observado é uma evolução.

Apêndice L

ENTREVISTA: SEMANA DE SEMINÁRIOS

Data: 14-05-2001

Hora de início: 10h59min

Fita: 01

Entrevista:01

Entrevistado: Aloízio Gonzaga Andrade Nascimento - UFMG

Curso: Direito

R. Aidar: Dr. Aloízio, qual a opinião do senhor a respeito de um evento dessa natureza? Quais são suas críticas e quais são as suas sugestões?

Aloízio: Olha, é a Segunda vez que eu participo desse evento. Aqui estive no ano passado e estou retornando este ano, com muito prazer. Eu fiquei muito impressionado com a unidade do conjunto, que eu só em... só vejo nessa Universidade, que é um processo de integração fundamental de espírito universitário para levar durante uma semana de estudos, né? uma discussão geral sobre os problemas que afetam o ensino, a extensão e a própria realidade nacional. Eu não tenho críticas a fazer, pelo contrário, eu só tenho que parabenizar com a Universidade de Uberaba, por essa iniciativa, que é pioneira, eu não conheço, nem na Universidade Federal de Minas Gerais de onde eu sou professor e nem em nenhuma outra Universidade.

R. Aidar: O que o senhor acha que esse evento pode representar como atividade extracurricular?

Aloízio: Olha, o ... a reforma de ensino prevê hoje, que além das atividades curriculares, pelo menos 05% do tempo dos alunos sejam gastos em palestras e atividades extracurriculares. Esse evento cumpre plenamente esta função e de uma forma global, de uma forma interativa, de tal forma que, é a melhor expressão que eu encontro de aproveitamento desse tempo extracurricular.

R. Aidar: O senhor teria alguma sugestão que pudesse é... contribuir para uma melhora, por exemplo?

Aloízio: Olha, a grande preocupação hoje é da interdisciplinaridade, talvez vocês com o tempo, com a experiência, poderiam, ao invés de fazer esses círculos e conferências voltadas para escolas específicas ou áreas específicas, criar é... de forma interdisciplinar estas atividades, de tal forma que se pudesse usar estudantes de medicina com estudante de direito; por exemplo, bioética, do ponto de vista do direito, como do ponto de vista da medicina; por exemplo, direito econômico, economia e direito e assim uma série de eventos interativos de natureza interdisciplinar, mas isso eu sei que é um processo de crescimento, de aprendizado, mas que seria da mais alta indagação.

R. Aidar: Como é que o senhor avalia a participação de professores e alunos no evento?

Aloízio: Bom. Pela minha experiência; é a segunda vez que eu venho aqui: salas cheias, participativas, eu comecei a falar 08h00, fiz intervalo 09h15min –09h30min e para sair às 11h00 foi, de certa forma, com dificuldade, o que demonstra o interesse dos alunos e isso torna muito gratificante a participação da gente enquanto professor.

R. Aidar: Muito obrigado, senhor.

Data: 14-05-2001

Hora de início: 11h09min

Fita: 01

Entrevista:02

Entrevistado: Dariane Bertoni Pinto – Centro Universitário Moura Lacerda, UNIP e Centro Universitário Barão de Mauá.

Curso: Nutrição

R. Aidar: Bem Dariane o que nós gostaríamos de saber de você é o que você pensa sobre esse evento – Quais são suas críticas e sugestões.

Dariane: É, tô acabando de chegar, né? tô vendo que é... fiquei sabendo ontem que era um evento tão grande, assim. Recebi um folder onde tinha todos os cursos, palestrantes, então achei interessante essa organização. É, como eu tô me relacionando com o evento, já desde o convite, assim, eu senti que tem uma estrutura interessante. Tudo que foi combinado foi

acontecendo né? e mas o que eu acho mais bacana de toda essa história é mesmo essa mobilização, e parar suspender todas as aulas e buscar uma maneira extracurricular aí, para tá aprendendo, discutindo, aprofundando né? talvez, assuntos que passam um pouco mais, que não tem uma dimensão de uma palestra, de um workshop dentro do curso, mas que os alunos tenham a oportunidade de estarem se envolvendo com esse assunto, né? Eu acho que pra profissionalização do estudante, isso aí, é fundamental, né? porta que se abre, e estímulo que se proporciona.

R. Aidar: Você acha que como atividade extracurricular, essa seria a grande contribuição?

Dariane: Eu acho que sim. É, e eles também tem a ..., não sei como é montado exatamente essa, as palestras, o tema, se tem um tema fechado, me parece que não tem um tema fechado, mas que tem uma variedade aí, né? Então, eu acho até interessante essa variedade por tá possibilitando é.. é...vários assuntos porque não são todos os alunos que gostam de urbanismo, não são todos os alunos que gostam de designer, então são escalas diferentes de abordar problemas relacionados a arquitetura no caso.

R. Aidar: Dariane você já viveu alguma experiência similar a esta?

Dariane: Olha, tem alguns encontros, né? Tem o ... Dentro da Arquitetura a gente tem o EREA, que é um encontro específico da Arquitetura, onde reúne-se, em alguns dias, para se pensar e se produzir algumas coisas, tem alguns assuntos que são, é discutidos e tem uma produção, uma integração que eu acho legal é... eu acho que pra mim, como docente, é interessante trabalhar com outros alunos, de outras cidades, que são é... tão se relacionando com outra realidade, né? é outra... é outra estrutura de cidade, aqui no caso é outro Estado, né? tem outro sotaque, tem, deve ter alguns troços, gosto meio específico, vamos ver como vai ser esse outro workshop, né?

R. Aidar: Você tem alguma sugestão pra dar, que possa contribuir para esse projeto?

É, não sei, agora de, talvez no final da tarde eu tenha, mas... agora eu acho que tá tudo muito bom, assim, a estrutura é boa essa... esse mutirão de, que se faz pelo conhecimento, acho que é muito...

R. Aidar: Como você avalia essa participação de professores e alunos?

Dariane: Em que sentido?

R. Aidar: Você já teve um primeiro contato, como é que você sentiu a participação do, do, do professor, do aluno?

Dariane: Ah! Eu achei que foi, tinha uma expectativa... eu tinha uma expectativa, né? e a gente sabe que a expectativa desses encontros assim, desses eventos de estudante, às vezes é uma coisa meio perigosa, né? Você pode tá se preparando para um evento desse, e chegar e não ter um corpo suficiente de alunos, ou ter um corpo suficiente de alunos, mas que se os alunos são bastante passivos, não fazem nenhum tipo de pergunta, não se envolvem, eu senti que eles envolveram, sabe? eles tavam ali, a gente tava pensando juntos, né? Eles tavam perguntando, e teve uma correspondência boa, assim.

R. Aidar: Obrigado, Dariane.

Dariane: Isso aí?

Data: 14-05-2001

Hora de início: 16h00min

Fita: 01

Entrevista:03

Entrevistado: Luciene Vacaro – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

Curso: Terapia Ocupacional

Luciene: Bem, a respeito da Semana de Seminários, eu achei a iniciativa muito importante por que ela... é leva o conhecimento das várias áreas, né? para todos os aluno da Universidade, é... existe uma troca de informação nessa Semana e uma reciclagem tanto pros professores, quanto pros alunos, né ? eu particularmen... particularmente achei a minha mesa redonda que foi a ... a “proposta de humanização ao paciente internado em hospital geral” muito inovadora, né? humanização é um trabalho que tá sendo divulgado e tá sendo pensado atualmente, nós temos visto, visto em revistas, em jornais, falar de humanização de UTI, e de, dos outros ambientes hospitalares, né? e... a ... essa mesa redonda traz uma proposta de repensar essa situação do paciente doente e internado.

R. Aidar: Em relação ao projeto como um todo, você teria alguma crítica, ou alguma sugestão que pudesse contribuir para alguma mudança a ser implantada?

Luciene: Olha é meio difícil falar porque to vindo hoje, né? Eu cheguei, vim participar da minha mesa e tô indo embora, então eu não tenho uma visão global da Semana de Seminário, né? mas por enquanto eu fui muito bem recepcionada, é, tava muito bem organizado, a ... a ... vamos dizer, tudo que eu precisava ali, todos os recursos audiovisuais que eu precisei tavam muito bem organizado, é, até agora eu não tenho nenhuma reclamação, só tenho elogios a fazer.

R. Aidar: Tá, como atividade extracurricular, que tipo de contribuição, você acha, que a Semana de Seminários pode passar pra aluno e professores.

Luciene: Como eu falei na primeira questão, né? eu acho o que pode passar é a troca de informações das várias áreas de conhecimento e atuação, então o que um terapeuta ocupacional faz, o que um psicólogo faz, onde é que... quais as possibilidades de trabalho, de atuação, né? O que um fonoaudiólogo faz? As novas pesquisas, né? Os novos artigos, pra que área tá indo, que tem falado, sem dúvida nenhuma, a troca de informações é muito grade.

R. Aidar: Bem, você disse agora pouco, que veio muito rápido para participar de uma mesa redonda pra ir embora, mas eu vou insistir numa questão: É você poderia fazer um comentário a respeito da participação de alunos e professores? O que você sentiu nesse contato?

Luciene: eu senti os professores que eu tive contato, que foram os professores da terapia ocupacional, eu senti que eles estavam muito animados, que eles estavam com muita vontade, é... de fazer outras semanas, é eles estão com projetos pra novas semanas, eu senti que eles estavam muito envolvidos, conversamos por exemplo, é, sobre possíveis convites pra próximos eventos, em relação aos alunos, sempre tem aqueles que você observa que tão menos interessados, que tão ali vendo, cumprindo uma ordem...

R. Aidar: uma carga horária...

Luciene: uma carga horária, uma ordem superior, e tem os outros que ficam ali balançando a cabeça e querendo saber de tudo o que cê tá falando.

R. Aidar: Que tipo de ação, na sua visão, a Universidade pode adotar pra que esse perfil de alunos, que às vezes, não se interessa por um evento dessa natureza passa a se interessar. Você acha que a participação do professor na sala de aula, antes do evento, é importante?

Luciene. Com certeza, eu acho que o aluno, o interesse vai do gostar, eu tenho interesse pra aquilo que eu gosto, né? E o gostar depende muito da didática da, dos professores, da qualificação dos professores, né? é do envolvimento do professor com o tema que ele tá dando, se o professor sabe do que ele tá falando, se ele tá envolvido, né? com o que ele tá falando, ele vai conseguir passar isso de uma forma clara, o aluno vai entender e vai gostar, né? Eu acho que depende muito disso, e acho até que, é, pra esses alunos, sempre tem um jeito de pensar em estratégias aí, pra tá trazendo mais eles junto das aulas, conversando paralelamente, individualmente se for o caso, muitas vezes pode até tá até acontecendo questões na vida particular que o professor não tá sabendo, é importante o professor estar mais próximo do aluno.

R. Aidar: Obrigado.

Data: 14-05-2001

Hora de início: 17h46min

Fita: 01

Entrevista:04

Entrevistado: Isa de Pádua Cintra – UFMG - UNIFESP

Curso: Psicologia/Nutrição

R. Aidar: Pode ficar à vontade.

Isa: Bom, em relação ao projeto, eu acho super importante qualquer seminário ainda mais que tá ocorrendo na Universidade como um todo, pelo que eu fiquei sabendo, né? Por que é um momento de reciclagem, de aperfeiçoamento, tanto dos alunos quanto dos profissionais, né? Que... no caso da nutrição, eu sei, o Ricardo tá buscando profissionais de vários locais, isso é muito importante pra crescimento de alunos, troca de experiência, contato mesmo entre os profissionais, né? E ... isso só tende a crescer, eu acho inovador, eu conheço, a UFMG tem feito a mesma coisa, né? Uma semana de estudos, Semana

Científica que eles chamam lá, e é super importante, né? Trabalhos ótimos e eu acho que vocês devem continuar, né?

R. Aidar: Isa você fez referência a esse projeto da UFMG, eu não sei, você participa desses projetos também? Você poderia falar um pouco mais dessa sua experiência na UFMG?

Isa: É o ano... o ano passado eu fui convidada também para participar de uma mesa redonda na UFMG, discutindo a questão de nutrição no atleta, e reunia também vários profissionais e foi na escola de Educação Física, e eu acho, foi essa experiência que eu tive lá.

R. Aidar: Você acha que, é ... que lá você poderia tirar alguma sugestão, pudesse ser apresentada em relação a esse projeto Semana de Seminários na Universidade de Uberaba?

Isa: Não... pelo contato que eu tive, eu acho que é bem próximo, tá? mesa-redonda, eu acho que pode ser uma coisa que vocês podem tá formando também, não só curso, palestra isolada, encontro entre profissionais – discussão, por que eu acho que isso também pro aluno é muito importante.

R. Aidar: Isa o que você acha que essa atividade, esse projeto representa como atividade extracurricular?

Isa: Extracurricular? Para...

R. Aidar: Aluno, professor, que contribuição esse tipo de atividade pode trazer.

Isa: Não... era aquilo que eu tava falando, né? É... é ... Aperfeiçoamento, é trazer experiências novas, isso é super engrandecedor, porque, às vezes, muita gente, cê tem que tá procurando outros centros, né? Então, o que vocês estão fazendo? Trazendo profissionais para que apresentem seus projetos, seus trabalhos dentro da Universidade e isso é super importante, né? Um aperfeiçoamento extra a escola, né? os muros aqui da Universidade, que está sendo super importante.

R. Aidar: Isa, qual a sua percepção sobre a organização do evento? Questão do convite, como foi feito o contato com você? Como é que você foi recebida?

Isa: Não... o contato, eu trabalho... eu trabalhei muitos anos com o professor Ricardo, então a gente tem uma relação bem amigável, que ele fez o convite há muito tempo, ele gostaria que eu viesse a Uberaba conhecer o tipo do trabalho que ele tava desenvolvendo aqui, acho que foi essa a oportunidade. Fui super bem recebida, né? Hoje, infelizmente, não tive tempo para conhecer a Universidade como um todo, que eu dei curso quatro horas de manhã para Psicologia, e agora quatro horas para Nutrição, então, realmente, tá corrido, mas, tô achando ótimo esse contato com vocês.

R. Aidar: Isa, como você avalia a participação do aluno e do professor nesse projeto?

Isa: Do aluno hoje foi uma experiência interessante, na parte da manhã falei com a Psicologia e à tarde com Nutrição, e eu como nutricionista senti uma diferença enorme na turma, nas duas turmas, né? É lógico que eu tava falando mais da minha área, né? para os alunos da nutrição, eu acho que, aproveitaram muito mais o que eu tinha para oferecer do que os da psicologia, né? É tentei dar uma abordagem psicológica, mas não é da minha alçada, né? Nem sou a pessoa competente pra isso, mas acho que de qualquer forma, os alunos também gostaram, né? Mas, é diferente em termos de aproveitamento você sente isso claramente, tá? Mas, foi muito bom, eu acho que pros professores também do curso de Nutrição que assistiram, estão pedindo material, né? alguma coisa. Então, isso mostra que eu trouxe alguma contribuição que espero que eles utilizem aqui, no curso de vocês, né? Na graduação.

R. Aidar: Muito obrigado.

Isa: Isso, assim, é só um comentário, né? A sala grande, eu tive que gritar muito na parte da manhã (risos) e eu fiquei preocupada até de não dar conta de falar à tarde porque, realmente, já a turma não tinha esse interesse tão grande quanto o da nutrição, então a turma aqui, falava um pouquinho e que dificulta, às vezes, da gente tá falando mais alto, então eu acho que um microfonesinho, né? é alguma coisa que possa ajudar da próxima vez (risos).

R. Aidar: Obrigado, Isa.

Isa: Nada. (risos).

Data: 14-05-2001

Hora de início: 17h58min

Fita: 01

Entrevista:05

Entrevistado: Marcos Garcia Neira – UniFMU – USP

Curso: Educação Física

Marcos: Direto ou você vai fazer alguma pergunta?

R. Aidar: Não, pode mandar, é essa questão que eu te coloquei.

Marcos: Essa é a primeira vez que eu participo desse evento, né? fiquei muito honrado com o convite que veio do professor Luis Antônio que é professor de Educação Física, do diretor do curso, e... fiquei surpreso em primeiro lugar, com as instalações. Eu não conhecia Uberaba, não conhecia a UNIUBE, fiquei surpreso com o atendimento, né? toda a equipe que trabalhou, que tem trabalhado, né? que está trabalhando, tem dado toda assessoria, toda boa vontade, se dedicado, procurado, né? atender a mim, né? da melhor maneira possível, eu percebi, desde, né? desde 15 dias atrás, quando indireto... diretamente eles entraram em contato comigo.

Sobre a organização do evento em si, só tem uma coisa que eu gostaria de ressaltar que eu fiquei muito chateado, que é o desconhecimento que a comunidade acadêmica tem desse evento, né? Então, o décimo primeiro que vocês estão organizando, e nós em São Paulo, nunca nem tínhamos ouvido falar, nós não sabíamos que vocês tinham esse evento, nós não sabíamos que vocês tinham um evento desse porte, com essa seriedade, com tantos profissionais, que desse evento sairia uma publicação, né? que são os anais. Nada disso a gente sabe, então eu deixaria assim uma mensagem de vocês capricharem na divulgação na mídia, né? na mídia eletrônica, na mídia escrita, nas revistas, né? da área da Educação Física como por exemplo, que existem várias, isso seria muito interessante porque aí expandiria o nome da Universidade, né? Expandiria a preocupação que vocês têm com a formação dos próprios alunos de vocês.

R. Aidar: Um possível contato direto com outras instituições?

Marcos: Isso, isso estreitaria o contato, né? O restante, os alunos muito receptivos, muito carinhosos, senti os alunos muito interessados, tanto os da manhã quanto da tarde. Acredito

que os da noite vai ser nessa direção também. É um grupo de pessoas que estimulam a gente a estar falando, né? a dar idéias novas, né? a estar contribuindo.

R. Aidar: Ô Marcos, o quê que este evento pode representar como atividade extracurricular?

Marcos: O aluno, hoje se pensa numa formação multidisciplinar, né? Na nossa sala agora, além de estudantes de Educação Física, estudantes de Pedagogia, o que é importante para formação do cidadão e do profissional, né? É essa visão ampla, então é muito importante que os alunos façam, tenham a oportunidade de ouvir, estar conhecendo experiências em outras áreas; então a Universidade nesse tripé, né? ensino, pesquisa, extensão. Faz parte da, do projeto de extensão esse comprometimento de vocês, né? É muito importante que eles circulem, tenham acesso a outros profissionais, conheçam outros trabalhos para enriquecer, né? isso a gente chama de currículo oculto, né? que não tá escrito né? que tá acontecendo.

R. Aidar: A gente gostaria de saber se você poderia nos falar ou se você já viveu alguma experiência semelhante a esta que pudesse trazer algum tipo de sugestão para esse projeto da Universidade de Uberaba.

Marcos: Certo. Nós... todas as experiências que eu tinha vivido até então era participação em congressos, em eventos, né?. isso acontece com bastante, com bastante frequência, caso de, vir chamado, exclusivamente, para trabalhar com um grupo específico, reunindo tantos profissionais, e reunindo... é a primeira vez, né? A sugestão é o convite aos alunos a frequência na maioria dos cursos, né? No quanto eles pudessem participar.

Acho que tipo, entre vocês fazerem propagandas entre as faculdades, né? para estimular a participação, então o nosso aluno pode se interessar por alguma coisa que está acontecendo na Pedagogia, na Medicina, na Fisioterapia, é muito importante que ele faça... que ele tenha essa visão. Essa é a visão universitária, né? Acredito que nessa direção é a melhor coisa possível. E continuar a chamando, tem muita gente boa aí, que pode vir, né? Trabalhar, o ideal mesmo é trabalhar antes, com os alunos, os temas que virão, né? Porque aí, ou fechar, uma coisa que pode acontecer também é fechar sobre um tema, entendeu? Então, vamos supor, naquele ano, no ano que vem, no ano de 2002 vocês vão falar Cidadania, então, Educação Física e Cidadania, Medicina e Cidadania, né? Ou no ano seguinte, qualquer outra... um outro tema grande desses, propostas voltadas pra “significação”, então depois de quatro anos, eles terão visto dois eventos por ano, terão oito eventos, oito temas diferentes, né?

R. Aidar: Marcos, você fez referência a pouco sobre a preparação do aluno com uma certa antecedência para um evento dessa natureza, como é que você acha que seria o papel do professor nesse assunto?

Marcos: O professor, né? Graças a experiências que eu tenho dentro da sala de aula, sempre considerei o seguinte: o professor que é o elo entre o aluno e a Universidade. Porque o aluno ele comenta sobre o professor, ele fala sobre o professor, a visão que ele tem de mundo é sempre transmitida pelo professor, esperar que a motivação do aluno através de papel, divulgação pela Universidade, é né? é um sonho, é o professor que tem que ser esse agente, né? O professor é que tem que motivar o aluno: “ Olha gente, vai vir o fulano de tal”. Aí, ou seja, os professores deverão em reunião decidir sobre as pessoas que virão, né? Decidir o quê, olha, eu tô gente, né? numa reunião de professores, o colegiado dos professores.” Tô percebendo, pô! Eles estão precisando mais disso, que esse cara é legal!” né? Porque aí você tem um coletivo trabalhando, se as decisões fossem tomadas de forma coletiva seria muito melhor, né? E trabalhar o aluno antes, é explicar, comentar, valorizar, e aí o aluno entra com outro ouvido na sala de aula, entendeu?

R. Aidar: Falou Marcos, obrigado.

Data: 14-05-2001

Hora de início: 10h59min

Fita: 01

Entrevista:06

Entrevistado: Luis Fernando Lopes – Cultura de Catalunha - Barcelona

Curso: Arquitetura e Urbanismo

R. Aidar: Ok, Luis Fernando, pode ficar a vontade para responder.

Luis Fernando: O quê que o senhor quer?

R. Aidar: É exatamente, eu quero saber de você...

Luis Fernando: Sobre a ...

R. Aidar: É como é que você vê esse projeto Semana de Seminários e quais seriam suas críticas e sugestões em relação ao evento.

Luis Fernando: É, olha, eu não conheço a escola, assim, já tô... fui convidado, é a primeira vez que eu venho participar e eu acho é muito positivo esses encontros, né? Ou seja, minha primeira experiência até agora, hoje com um primeiro momento com a palestra que eu dei agora no começo da tarde, esse primeiro exercício que a gente fez na oficina. E foi uma experiência muito positiva, primeiro que o meu trabalho, é... como eu tô falando desse... do campo, de um novo campo que a gente tá começando a trabalhar com isso, eu acho que tá bem, ou seja, que tá recebendo bem e a estrutura da escola, eu acho que... fantástica, ela tá tendo essa iniciativa de estar promovendo esse tipo de coisa, né? eu acho fundamental isso, acho muito importante esse tipo de coisa, que é onde surgem... nesses esforços, essa união de pessoas discutindo coisas, acho importante, sempre, isso deveria ser feito sempre. Esse...

R. Aidar: Luis Fernando, você tem alguma outra experiência semelhante a essa... a esse projeto que é desenvolvido aqui, que você possa falar um pouquinho, e que de repente, possa, até daí sair alguma sugestão pra ser implantada nesse projeto da Universidade de Uberaba?

Luis Fernando: Olha é... a esse nível eu participei já muitas vezes, ah... enquanto ainda... porque agora estou morando na Europa, tá? eu vivo em Barcelona, eu levo 11 anos lá, já. Então, mas antes eu trabalhava aqui também, nas faculdades daqui, eu dei aula em Franca, Ribeirão Preto, e participei de eventos como esse em... em... Uberlândia, nós tivemos... antes de eu viajar eu tive em um evento muito parecido a esse em Uberlândia eu acho positivo esses encontros que se promovem do profissional e das pessoas que já estão trabalhando, em trazer isso na discussão da Universidade, eu acho importante essa... esse intercâmbio de experiência, né? principalmente tanto para os alunos quanto para gente também, né?

R. Aidar: O quê você acha Luis Fernando que esse projeto representa como atividade extracurricular?

Luis Fernando: Eu acho é isso...que eu falei, eu acho fundamental que principalmente a gente faz o elo eu me vejo como.. pros alunos você acaba fazendo o elo do profissional pra ele que tá saindo, tá se formando, né? então, acho importante essa coisa, esse exercício de trazer pessoas que já tão fazendo um trabalho, já tão discutindo certas áreas já fora como profissional e poder trazer isso de perto pra eles, essa experiência, acho muito importante isso pra eles.

R. Aidar: Luis Fernando, quais observações você faria em relação a organização do evento?

Luis Fernando: Olha até agora eu tô sendo muito bem recebido. Eu acho perfeito, não tenho nenhuma... ao contrário, parabenizar a equipe que eu tô achando bem, eles montam bem a questão aqui, eu tô gostando muito, eu tô sendo muito bem recebido.

R. Aidar: Como você avalia a participação de alunos e professores no projeto?

Luis Fernando: Olha, pelo que, como é um pequeno momento, até agora positivo, a avaliação que eu tenho, a gente... hoje, a gente foi almoçar juntos: alunos com professores que estão participando das palestras, e já... a gente teve algumas discussões a nível dos trabalhos que têm sido feito. Acho legal a oportunidade desse encontro; não só como do profissional com o aluno, senão os profissionais que estão participando do evento. Como foi hoje, já no almoço, tivemos uma conversa legal. Acho interessante esse exercício de juntar coisas, porque sempre nasce... a partir daí, sempre nascem coisas novas, né?

R.Aidar: Muito obrigado.

Data: 14-05-2001

Hora de início: 21h12min

Fita: 01

Entrevista:07

Entrevistado: Lúcia Andrade - UFRJ

Curso: Nutrição

R. Aidar: Lúcia, qual é a sua visão desse projeto Semana de Seminários promovido pela Universidade de Uberaba em sua décima primeira edição e dentro da sua análise, quais seriam suas críticas e sugestões em torno do assunto?

Lúcia: Bom, em relação é uma grata surpresa ter sido convidada pra um evento dessa... desse porte, né? e... em virtude de ter todo um envolvimento de todos os cursos, pelo que me parece, né? e na forma... na estrutura em que ele se apresenta, não é? Então, não só a questão das palestras, mas minicursos, das oficinas que foram montadas, então a gente consegue perceber que existe toda uma fundamentação, né? em termos de uma proposta pedagógica para que haja, por exemplo, até a participação maciça, né? de todo o corpo

discente e, naturalmente, o próprio envolvimento dos docentes também, tanto na parte de organização, como também da sua participação direta nesses eventos, né? Em relação a questão das críticas, eu não sei se, nem cabe, né? porque como... eu acabei de ressaltar essas características fazem com que a gente perceba que é uma interação é... naturalmente a gente a... entende que isso atende, deve estar atendendo os objetivos da instituição que é estar fazendo ah... uma movimentação de toda a Universidade naquilo que é o seu objetivo primordial que é produzir conhecimento, né? e especialmente a questão da disseminação desse conhecimento, né? porque só a oportunidade que a gente tem, de que, um curso que é dado pela nutrição, por exemplo, que é o nossa área, possa ser assistido pelo pessoal da psicologia, da comunicação, da educação. Isso, faz com que haja, primeiro uma interação e depois uma aproximação mesmo, sobre os conhecimentos e tudo que é gerado nessa instituição.

R. Aidar: Você fez referência à pouco, a questão da organização. Como é que... qua... que observação você faria em relação a o organização do evento? Como é que... como é que foi o contato que foi feito com você... questão da recep... recepção, como é que... como é que você sentiu isso?

Lúcia: Especialmente, isso me chamou muito a atenção porque muitos eventos grandiosos sob o ponto de vista de conteúdo, falham nessa questão de organização, né? e isso é um diferencial, com certeza, eu acredito desde o primeiro contato, na verdade, a gente não precisou, quer dizer, eu vim aqui representando uma entidade que teria oportunidade de tar viabilizando toda essa vinda pra cá, mas, isso em nenhum momento foi necessário, né? porque fomos nós que fomos consultados, quer dizer, houve uma agilidade em relação àquilo que era necessário pra que houvesse a realização, né? das passagens, da estada, etc. Então, especialmente a questão dos horários, então, quer dizer, tudo acontece na hora, na realidade, o que a gente percebe que nenhum detalhe foi esquecido, tanto de comunicação, não de regras, mas de, onde procurar, pra onde se dirigir, isso, com certeza, foi um dos pontos chaves para o sucesso dessa... dessa semana, né?

R. Aidar: Você já vivenciou algum outro tipo de experiência semelhante a essa que você pudesse falar a respeito e que, é pudesse, se vivenciou, tirar algum tipo de sugestão a ser acrescida nesse projeto da Universidade de Uberaba?

Lúcia: Nessa magnitude não, de envolvimento geral da Universidade não, eu sou de uma instituição pública, né? então tudo é muito diluído, então, que a gente observa sempre

existe alguns eventos que são por áreas de conhecimento, da semana... da área de saúde, da área de tecnologia, né? então, eu não tenho comparativo, é o que eu acredito só, mas eu também... é porque eu não tive tempo de perguntar, né? sobre a questão é... divulgação de trabalhos científicos que talvez, que é uma dinâmica que é normal em congressos, né? mas, eu acredito que... talvez pelo objetivo que é a própria Semana de Seminários essa dinâmica é a ideal né? porque isso faz com que não haja dispersão, porque também a gente fica muito preocupada, se eu vou apresentar trabalhos eu acabo não me concentrando de repente e conseguindo um tempo até pra assistir uma palestra que é de suma importância pra nós, então não misturar os canais talvez seja uma boa saída, né? porque essa questão mesmo de divulgação de trabalhos possa ficar... para um momento, aí sim, de semanas mais específicas por cada áreas de conhecimento, é só uma observação, né? na realidade, eu acredito que da forma como foi montada o projeto ele conseguiu realmente aquilo que eu entendo em termos de... de... de como eu falei, né? de divulgação de trabalhos e função da Universidade.

R. Aidar: Bom, você já fez uma referência sobre essa questão, mas eu gostaria de saber se o envolvimento, a participação do aluno e do professor ficou dentro daquilo que você esperava como conferencista, como palestrante?

Lúcia: É, isso eu consegui perceber né? nas palestras que foram dadas, que naturalmente são professores, que nós viemos juntos, ficamos juntos, primeiro no número de participantes né? quer dizer, quantas pessoas que participam assistem as palestras o envolvimento se dá pelo próprio assunto em si e pelo dirigente né? aquela pessoa que tá dando a palestra e que pelo menos que eu consegui ver também foi uma... houve... obteve-se resultados né? então a participação esta sendo maciça e a participação dos docentes como eu havia falado antes, tanto na parte da organização, como também na própria realização desses encontros, desses cursos, pelo menos o que eu pude perceber, então como eu falei né? há uma... percebe-se essa questão do envolvimento do compromisso no sucesso mesmo da Semana, né?

R. Aidar: Você teria alguma coisa a mais a acrescentar em relação a esse projeto da Universidade de Uberaba?

Lúcia: Não sei, talvez não seja uma coisa pra agora mas, um... que evento dessa natureza é... a medida que a gente vai conseguindo perceber que dá resultado, é... ela possa se aprimorar, talvez na... de uma maneira a abrir a participação da sociedade, do público, que

não é um público interno, tipo, né? tipo os projetos de extensões, né? que devem... acontecem em muitos cursos, de repente a gente podia ter... quer dizer, a Universidade podia estar pensando em eventos que fossem abertos para o público, né? nesse mesmo modelo, nesse caso a gente até ia ter que contar com um nível de veiculação muito maior, para que houvesse uma participação maior. Talvez, a única observação.

R. Aidar: Você acha que esse evento podia ser aberto também além da própria comunidade, para a participação de representantes de outras instituições do ensino superior?

Lúcia: Sim, primeiro o modelo, né? como eu falei, eu não tive a oportunidade de ver isso acontecer em muitas universidades, né? também não conheço tantas assim, mas não é normal, né? é... e outra, que eu acho se pudesse haver essa interação, isso poderia vir a dar a fazer fluir esse nível de informação, inclusive aprimoramento mesmo para a própria Universidade né?

Data: 14-05-2001

Hora de início: 22h05min

Fita: 01

Entrevista:08

Entrevistado: Dirceu do Nascimento

Curso: Nutrição – Reitor da Universidade de Ouro Preto

R.Aidar: Senhor, o Instituto de Formação de Educadores da Universidade de Uberaba está trabalhando num projeto de pesquisa com o objetivo de poder ter acesso as diferentes visões por parte dos convidados em relação a esse Projeto Semana de Seminários que é promovido pela Universidade de Uberaba. Qual a opinião do senhor a respeito desse projeto e quais seriam suas críticas ou sugestões pra Universidade de Uberaba?

Dirceu: Eu acho que a questão de Seminários é fundamental. Deixa eu te dar um exemplo, quando eu assumi a Universidade, eu fiquei sabendo que o curso de Geologia da Universidade estava no seu trigésimo primeiro seminário promovido pelos alunos, o que eu fiz, eu criei uma resolução que os eventos acadêmicos produzidos pelos alunos podem se descontar até 5% da carga horária total, como disciplina, existia... tem uma tabela em

relação a cada evento. Então, o que eu diria é que acho fundamental esses eventos trazendo pessoas novas, pessoas que possam contribuir mesmo com a crítica às vezes, com avanço das linhas temáticas da universidade. Mas uma crítica que eu faria, não é crítica, uma sugestão: acho que tem que ter uma participação na organização, dos alunos, é importante, eu acho que os alunos poderiam contribuir com novas... com outras sugestões.

R. Aidar: Dentro dessa questão que o senhor colocou, como é que o senhor acha que seria a atuação do professor no sentido de motivar o aluno a se envolver mais intensamente no projeto?

Dirceu: Hoje eu fiz algumas perguntas aos alunos, porque eu achei que eles tinham alguma participação, eles me falaram que eles não tem acesso, por isso, eles não participam. Eu acho que do momento que se abra, ele pode se mostrar interessado em participar desse projeto, mesmo que num primeiro momento de maneira mais... de maneira mais tênue, mais soft, mas a tendência dele é se envolver, porque ele sabe que está numa região e que precisa estar ligado, a estar vinculado ao sistema de ensino deste nosso país.

R. Aidar: O senhor disse a pouco que o senhor tem uma experiência relacionada a Universidade Federal de Ouro Preto quando o senhor assumiu. É... o senhor teria algum outro exemplo de participação semelhante a este que o senhor pudesse falar um pouco?

Dirceu: Parti... Eu não entendi a pergunta direito.

R. Aidar: O senhor tem alguma experiência semelhante a esta de alguma outra instituição que o senhor tenha participado. O senhor pudesse falar um pouco ?

Dirceu: Na verdade, eu acho que quase todo mês a gente participa de um evento falando de Universidade e falando sobre a nossa experiência, normalmente, eu acho que isso traz, pelo menos quando a gente tá na administração, uma visão diferenciada para a instituição que está nos recebendo, a visão que Universidade Federal de Ouro Preto hoje dirige esta instituição , o que ela está fazendo, a qualidade de uma Universidade também está em seu gestor.

R. Aidar: Além da questão do envolvimento do aluno na organização do evento, o senhor tem alguma outra crítica, alguma outra sugestão na realização do evento?

Dirceu: Não, não. Eu acho que a participação do aluno só é fundamental. Eu acho que tá tudo certinho. Não tem nenhuma crítica.

R. Aidar: Como é que o senhor sentiu a participação do aluno e do professor na palestra que o senhor proferiu?

Dirceu: Olha eu, tive uma visão na fala de algumas pessoas com relação aos alunos de nutrição da Universidade de Uberaba, e que, é... eu não vou dizer que ela foi ratificada aqui, que seria o grau de... o grau de compromisso com a própria instituição a medida que ela tem um curso trazer, um palestrante, né? Eu achei que a informação que eu tinha era um pouco mais dura, eu acho que a participação foi boa, que alunos aqui presentes se envolveram, porque o grau de interesse dos alunos é muito importante, isso é fundamental em uma palestra, agora os professores nota 10, os professores nota 10.

R. Aidar: Muito obrigado o senhor.